HISTÓRIA POPULAR

HISTÓRIA DO CANGAÇO

Maria Isaura Pereira de Queiroz

5.ª edição

HISTÓRIA DO CANGAÇO

Maria Isaura Pereira de Queiroz

HISTÓRIA POPULAR

HISTÓRIA DO CANGAÇO

Maria Isaura Pereira de Queiroz

global EDITORA

© Maria Isaura Pereira de Queiroz

5ª Edição, 1997

Diretor Editorial
Jefferson L. Alves

Assessoria Editorial
Enrique Peregalli

Edição de Texto e Copydesk
Mirna Pinsky

Capa
Andréa Vilela

Revisão
Clóvis M. Meira
Célio F. Godoy Jr.
Ana M. G. Santos

Fotos
Os Cangaceiros
Les Bandits d'honneur brésilien
por Maria Isaura Pereira de Queiroz
cedidas gentilmente pela autora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Queiroz, Maria Isaura Pereira de.
Q41h História do cangaço / Maria Isaura Pereira de Queiroz. – 5ª ed. – São Paulo : Global, 1997.
(História popular ; 11)

Bibliografia.
ISBN 85-260-0066-7

1. Cangaceiros – Região Nordeste – Brasil
2. Cangaço – Região Nordeste – Brasil I. Título.

82-1426 CDD-301.18509812

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Região Nordeste: Cangaceiros: Sociologia 301.18509812
2. Brasil: Região Nordeste: Cangaço: Sociologia 301.18509812
3. Nordeste: Brasil: Cangaceiros: Sociologia 301.18509812
4. Nordeste: Brasil: Cangaço: Sociologia 301.18509812

Direitos Reservados

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Pirapitingüi, 111 – Liberdade
CEP: 01508-020 – São Paulo – SP
Caixa Postal 45329 – CEP 04010-970
Tel.: (011) 277-7999 – Fax: (011) 277-8141
E.mail: global@dialdata.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de catálogo: **1353**

"Aos sobrinhos-netos
Pedro, Thomaz, Marcos, Camila e outros que virão, para quem a HISTÓRIA DO CANGAÇO, que hoje ainda é realidade, fará parte somente das gestas brasileiras, oferece a

Tivó."

Maria Isaura Pereira de Queiroz nasceu em São Paulo e fez sua formação básica no Instituto Caetano de Campos. Cursou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, licenciando-se em 1949 no Departamento de Ciências Sociais. Foi assistente do prof. Roger Bastide na USP e sua orientanda na École Pratique des Hautes Études, Université de Paris, onde apresentou tese em 1955. Defendeu Livre-Docência em 1963 no departamento de Ciências Sociais da USP e passou a atuar como professora adjunta daquele departamento em 1973. Com um grupo de colegas, fundou, em 1964, o Centro de Estudos Rurais e Urbanos, do qual é hoje diretora de pesquisas. Tem obras publicadas no Brasil e no exterior, entre as quais: *O Mandonismo Local na Vida Política do Brasil e outros ensaios: O Messianismo no Brasil e no mundo; Os Cangaceiros; O Campesinato Brasileiro; Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil; Réforme et Révolution dans les Societés; Traditionnelles e Images Messianiques du Brésil.*

SUMÁRIO

CONVERSA COM O AUTOR 13

I — INTRODUÇÃO 15

II — LOCALIZAÇÃO DO CANGAÇO: O SERTÃO DO NORDESTE 17
1) o clima
2) a "civilização do couro"
3) transformações

III — O CANGAÇO SUBORDINADO AOS FAZENDEIROS 23
1) Conservadores e Liberais
2) Oligarquias

IV — PRECURSORES DO CANGAÇO INDEPENDENTE 27
1) o "Cabeleira"
2) João Calangro
3) Retirantes

V — OS CANGACEIROS INDEPENDENTES 33
1) as alianças
2) medo e simpatia
3) necessidade econômica

VI — A HISTÓRIA DE TRÊS CHEFES DO CANGAÇO 41
1) Antônio Silvino
2) Lampião
3) Corisco

VII — OS CANGACEIROS INDEPENDENTES: CONSIDERAÇÕES 59
1) fatores estruturais
2) fatores conjunturais
3) mercado de trabalho
4) o fim

VIII — A FORMAÇÃO DO MITO DO CANGAÇO 65

BIBLIOGRAFIA 69

VOCÊ ENTENDEU O TEXTO? 71

CRONOLOGIA 73

CONVERSA COM O AUTOR

1. Os bandos independentes e errantes de cangaceiros que percorreram o Nordeste seco, matando e roubando, entre fins do século XIX e começo do XX, foram uma simples resposta à miséria ou se configuraram como movimentos sociais?

Na medida em que os termos "movimentos sociais" pressupõem *consciência* dos problemas vividos numa estrutura sócio-econômica e política injusta — a consciência sendo constituída justamente da percepção e do conhecimento dessa estrutura e de seus efeitos, mesmo que sob um modo de percepção religioso — não é possivel admitir que o "cangaço" se configure como um movimento social. Foi, realmente, uma resposta à miséria, o que se evidencia no fato de que desapareciam, quando a chegada das chuvas reinstalava o modo de vida habitual.

2. Della Cava, um pesquisador do Padre Cícero, comenta que, enquanto a economia moderna estendia seu sistema de produção na área até então adormecida do sertão nordestino, o triângulo da seca produzia dois personagens diferentes: o célebre Lampião — uma espécie de Robin Hood brasileiro para o folclore — e o Padre Cícero, político conservador que canalizou o descontentamento do sertanejo miserável. Poderíamos dizer que ambos lutaram pelo mesmo povo, pela mesma causa?

Não é possivel afirmar que a "economia moderna estendia seu sistema de produção na área então adormecida do sertão nordestino". A área do sertão nordestino *nunca foi adormecida*. Ela se modificou constantemente em sua economia, em sua demografia, desde o início da colonização, num processo que continua sem cessar, muito embora a estrutura familiar e política conservasse certas tonalidades — o que também não excluía certas mudanças. Não é possivel, pois, admitir a primeira afirmação contida na pergunta.

Lampião e o Padre Cicero foram resultados dessas modificações. O caso é bastante claro com Lampião: para que surgisse, foi necessário que se modificasse o cenário econômico, em fins do século XIX, estreitando as possibilidades de emprego para muitos e as possibilidades de ascensão sócio-econômica para outros. Um caminho

fácil para superar estes problemas foi o cangaço independente. Lampião não exprimiu nenhum espirito de revolta. Sua atitude foi de acomodação, aliando-se, tranqüilamente, com alguns coronéis do Sertão para sobreviver.

O papel do Padre Cicero foi mais complexo. Num momento em que o Nordeste tinha perdido sua importância sócio-econômica no cenário nacional, e em que algumas cidades do Sul do País avultavam como propícias ao enriquecimento, ele surgiu, para suas regiões e para os indivíduos que ali vinham ter, como um paladino regional, tentando criar em Juazeiro do Norte o que hoje se chamaria um "pólo de desenvolvimento". Para atingir seu alvo, aliou-se à poderosa estrutura coronelista, que aceitou totalmente. No entanto, também sabia que sem o apoio maciço da população não poderia resistir às investidas que a Igreja Católica dirigia contra ele. Sua luta foi, pois, por um "povo" em que figuravam *todas as camadas sociais,* os coronéis inclusive. Padre Cícero lutou por alguma coisa que o ultrapassava. Lampião lutou para si mesmo e em defesa do seu grupo, a fim de sobreviverem e serem poderosos. Foram causas diferentes.

3. O cangaço independente, desligado de fins políticos, sucumbiu após as mortes de Antônio Silvino, Lampião e Corisco, seus líderes maiores. Qual a mensagem que esta longa e sangrenta luta deixaria para os conflitos que ainda enlutam periodicamente a terra nordestina?

Se por "mensagem" se entende a comunicação de um conhecimento, explicito ou velado, que se deseja tenha influência sobre quem a recebe, a mensagem seria, a meus olhos, a difusão de conhecimentos acerca da estrutura sócio-econômica em que tais fenômenos surgiram, a fim de que se soubesse que: 1) o cangaço independente desapareceu quando novas condições sócio-econômicas surgiram para o País. As mortes de Lampião e Corisco foram meros episódios das lutas que então se travaram, não constituindo causas efetivas do fim do cangaço independente. Na verdade, sem esses acontecimentos fortuitos, dadas as transformações em curso no País e particularmente no Nordeste, é possível pensar que mesmo Lampião e Corisco seriam levados a uma adaptação às novas condições, sendo reabsorvidos pela outra sociedade em processo de construção — como foram reabsorvidos mais tarde seus companheiros que lhes sobreviveram: Labareda, Volta Seca, Criança e outros. 2) Apesar dessas transformações, persistiram no Sertão as estruturas dos grandes grupos familiares e os interesses políticos predominantemente centralizados sobre a dominação do poder local, permitindo a continuidade do cangaço ligado às lutas de família e às lutas políticas, estendendo-se até os nossos dias.

I — INTRODUÇÃO

De onde vem o termo "cangaço", que no Nordeste tomou o sentido de banditismo? O termo é antigo, pois nessa região já em 1834 se dizia de certos indivíduos que eles "andavam debaixo do cangaço", designando particularmente os que ostensivamente se apresentavam muito armados, de "chapéu-de-coiro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça-pintada, longas facas enterçadas batendo na coxa", como escreve o escritor cearense Gustavo Barroso. Levavam os clavinotes passados pelos ombros, tal qual um boi no jugo, sito é, na "canga". Esta aproximação teria sido responsável pelo significado. Seja ou não esta a origem do termo, é certo que "cangaço" e "cangaceiro" eram utilizados numa região bem delimitada: as vastas caatingas áridas que formam o chamado "Polígono das Secas", no interior de sete estados brasileiros. No entanto, embora bandidos tenham existido por toda parte no país, só nesta região foram designados por "cangaceiros".

Examinando, nos documentos e relatos existentes, a realidade que estas palavras cobrem, verifica-se que foram sempre empregadas em dois casos distintos. Em seu primeiro e mais antigo sentido, referia-se a grupos de homens armados que eram sustentados por chefes de grandes parentelas ou por chefes políticos; "pertenciam" a quem lhes pagava, em cujas terras habitavam e tinham então domicílio fixo, não sendo nem independentes, nem errantes. Mais tarde, o mesmo termo passou a designar grupos de homens armados liderados por um chefe, que se mantinham errantes, isto é, sem domicílio fixo, vivendo de assaltos e saques, e não se ligando permanentemente a nenhum chefe político ou chefe de grande parentela. Estes bandos independentes viviam em luta constante contra a polícia, até a prisão ou a morte. Neste segundo sentido é que o termo se tornou largamente difundido.

É importante efetuar estas distinções porque, enquanto os bandos de homens armados subvencionados por chefes de parentelas ou por chefes políticos existiam já no século XVIII e persistiram em determinados lugares até os dias de hoje, os bandos independentes e errantes do passado eram, ao contrário, esporádicos. Por outro lado, os bandos que "pertenciam" a um chefe político ou a um chefe de parentela existiram praticamente em todo o Brasil rural, embora com outras designações. Os bandos independentes, porém, foram específicos do Nordeste seco. Assim, enquanto os bandos liga-

dos à antiga estrutura familiar e politica eram gerais no Pais, o cangaço independente, em sua forma mais completa e conhecida, foi perfeitamente delimitado no tempo (de fins do século XIX a 1940) e no espaço (o Nordeste seco).

Três nomes principalmente se associaram a esta última modalidade: Antônio Silvino, Lampião, Corisco. Deles, foi Lampião o mais importante não só pelas façanhas contra a policia e contra certos poderosos locais, como também pela eficiente organização de seu bando, pelas grandes extensões territoriais que percorreu, sempre dentro do Polígono das Secas e pelo longo tempo que durou. Antônio Silvino o antecedeu, Corisco lhe sucedeu e a morte deste em 1940, pouco tempo depois do fim de Lampião, marcou o desaparecimento total dos bandos independentes.

II — LOCALIZAÇÃO DO CANGAÇO: O SERTÃO DO NORDESTE

Quem caminha a partir do litoral para o interior, no Nordeste, encontra diversas paisagens sucessivas: primeiramente a Zona da Mata, cuja fertilidade fez a riqueza dos engenhos de açúcar; em seguida, o Agreste, de vegetação pouco exuberante, onde se localizaram lavradores de roça de abastecimento (milho, mandioca, feijão, etc.); finalmente o Sertão recoberto de moitas espinhudas, castigado por secas periódicas, caracterizado pelas formas eretas e duras dos mandacurus.

Em meados do século XVIII, todo o Sertão do Nordeste já havia sido percorrido por portugueses e brasileiros, que nele instituiram a criação extensiva de gado. Fazendas foram sendo instaladas cada vez mais longe, no interior das terras. Conjugada com a criação, desenvolveu-se uma agricultura de roça nas áreas úmidas das serras, nas beiradas dos rios, no periodo das águas. Graças ao fornecimento de gêneros efetuado por estas roças, a região se tornou praticamente auto-suficiente. Nas partes menos irrigadas, os rebanhos se expandiram em liberdade; as propriedades não eram cercadas, seus limites não eram conhecidos com exatidão. A criação de gado não podia se efetuar de outro modo, pois naquele solo, com tais condições climáticas e com os conhecimentos da época, cada boi necessitava de pelo menos 10 hectares de pasto.

1) O CLIMA

Normalmente, a estação seca se alternava com a estação das águas. Quando as chuvas caíam a partir de dezembro, durando até junho, o ano era "bom". Muitas vezes torrenciais, sob a forma de grandes temporais, as chuvas transformavam em rios o fundo dos vales, recobriam de vegetação as colinas desnudas, adoçavam com o verde das folhas a paisagem árida e cinzenta. O Sertão parecia então um imenso jardim. Vinha, em seguida, o periodo da seca, mas esta seca era normal e esperada, era o "verão" que os sertanejos estavam preparados para enfrentar. Se as chuvas não apareciam de dezembro a março, durante o "inverno" sertanejo, se eram minguadas e muito breves, o periodo seco se estendia sem descontinuidade, durante um ano completo, até o mês de dezembro seguinte. Con-

figurava-se então uma ausência de chuvas que se podia prolongar por dois anos ou mais, determinando verdadeira catástrofe. Não se conseguiu ainda definir a periodicidade das secas. Entre uma calamidade e outra, podiam decorrer sete, nove, dez, às vezes mais de vinte anos normais. Tristemente célebres, tais secas arruinavam as plantações, dizimavam o gado e afugentavam os homens para o litoral ou para outras regiões.

Operavam-se então as grandes "retiradas". As famílias abastadas partiam para procurar refúgio junto a parentes que habitavam as serras sempre verdes, ou o litoral. Não somente a família conjugal se punha a caminho, mas todo o conjunto que se podia chamar de "família extensa" e até mesmo de "parentela"; iam os chefes de família com a esposa na garupa, os jovens adultos também a cavalo, seguidos por carros de bois cheios de moças, crianças, bagagens de toda sorte, escoltados por vaqueiros e "moradores" a pé ou a cavalo e finalmente os boiadeiros tocando o gado. A população mais pobre punha-se a caminho a pé, na poeira das longas jornadas, os adultos carregando as crianças pequenas, puxando a vaca ou as cabras que restavam, o cachorro de estimação fechando a marcha. Estes grupos pobres é que eram chamados de "retirantes". Os bandos, quando se arranchavam nas vizinhanças de um povoado, eram em geral perseguidos e expulsos pelos habitantes, temerosos de vê-los esgotar os "olhos-d'água" e as fontes que ainda por ali existissem, amedrontados com a possibilidade de estes retirantes se entregarem ao saque, na ânsia de obter alimentos para saciar a fome — o que geralmente acontecia.

2) A "CIVILIZAÇÃO DO COURO"

Apesar das condições climáticas, a vida no sertão fora relativamente satisfatória até fins do século XIX, nos anos em que as chuvas eram regulares. A quase totalidade dos criadores de gado vivia em suas próprias terras, indo à sede municipal somente quando chamados a participar de eleições, ou de um júri, ou em comparecimento às festas religiosas. O gado era tanto a fonte quanto o critério de riqueza. Quem era dono de um número considerável de cabeças, era tido por abastado, possuísse ou não terras em quantidade. Estas, por si sós, não constituíam sinal de riqueza e ninguém se preocupava em cercá-las ou em definir-lhes os limites. Quase por toda parte, as terras se mantinham indivisas entre os herdeiros. Fazendo-se livremente em grandes espaços abertos, a criação de gado exigia o auxílio de poucos vaqueiros. A pequena quantidade de gente numa fazenda de gado, intensificando as relações face a face, amenizava as distâncias sócio-econômicas entre patrões e seus subordinados. O número de fazendeiros que vivia na cidade e delegava seus poderes a administradores e empregados era realmente mínimo.

Nas grandes extensões sertanejas, coexistiam criadores e lavradores proprietários da terra, vaqueiros, parceiros, rendeiros, "moradores de favor" e alguns trabalhadores, tanto permanentes quanto sazonais. Os proprietários da terra eram, em geral, ao

mesmo tempo criadores e lavradores, isto é, criavam gado e abriam roças de sobrevivência. Para auxiliá-los em suas tarefas, necessitavam de poucos trabalhadores. Era comum que o filho rapaz, ou o genro, se tornasse vaqueiro ou parceiro de seus pais. Como parceiro, cultivava sua própria roça, pagando o aluguel da terra ao pai com uma parte da colheita. Os rendeiros pagavam um aluguel fixo pela terra. Quanto aos "moradores de favor", ocupavam a terra com o consentimento do proprietário, sem pagar formalmente aluguel, porém auxiliando-o todas as vezes que requisitados.

Os vaqueiros recebiam em pagamento a quarta parte do produto do rebanho. Esta última forma de pagamento era tradicional. Todo ano, no momento das vaquejadas, o vaqueiro separava as novas cabeças de gado que haviam nascido, sorteava um quarto delas que lhe cabia como salário, e marcava-as com seu sinal particular. Os vaqueiros podiam esperar um dia se tornarem criadores desde que pudessem conservar suas reses, pois não necessitavam da terra para pasto, uma vez que seu gado pastava nos mesmos relvados que o do patrão.

O grande trabalho dos vaqueiros era reunir o gado e fazer a marcação. A propriedade dos animais não era garantida por cercas, mas por sinais e siglas gravadas a fogo em seus flancos, completados por cortes específicos nas orelhas. Os vaqueiros conheciam todas as marcas das redondezas, além da de seu patrão. Se, no momento de marcação, um vaqueiro encontrava uma vaca de sinal desconhecido, ferrava os bezerros com a marca da mãe, separando para si um em cada quatro e devolvendo a rês com suas crias quando descoberto o dono.

Viviam os criadores sem possuir muito "dinheiro de contado" e sem conhecer o luxo — em grande contraste com o que se observava, na mesma época, nos engenhos de açúcar da Zona da Mata. Os vaqueiros eram, via de regra, filhos, sobrinhos, afilhados dos criadores. Mesmo quando não pertenciam à família, eram normalmente incorporados a ela, casando-se freqüentemente dentro dela. Os adolescentes da fazenda, fossem filhos dos criadores ou dos vaqueiros, aprendiam juntos a lidar com o gado e a trabalhar o couro. As meninas eram instruídas em cozinhar, fazer queijo, bordar. A vida de todos no Sertão — criadores, lavradores, vaqueiros, parceiros, rendeiros — era frugal, sem apresentar enormes diferenças na estrutura de consumo das famílias. Nos anos sem calamidades de seca, distinguia-se assim o Sertão por certo bem-estar parcimonioso, difundido por amplas camadas da população, dos fazendeiros aos moradores.

O boi impusera sua marca na civilização do Sertão, a ponto de esta ser chamada por muitos autores de "civilização do couro". Realmente, constituira ele, desde o início da ocupação do solo, tanto o material mais abundante para as exigências cotidianas, quanto importante produto de exportação. O vaqueiro era um "encourado", revestido de um gibão de couro de bode ou de vaqueta, protegido por duas perneiras, resguardando mãos e pés com luvas e calçados de couro de veado. Protegendo também o cavalo com mantas, peitorais e joelheiras do mesmo material, podia romper pelas caatingas e pedregais sem perigo de se cortar nos espinhos. Nas casas feitas de sopapo, as

portas eram de couro e também as mantas, os catres, os odres, as mochilas e um sem-número de outros objetos. As ocupações possiveis, para os homens, eram ligadas ao gado: vaqueiros correndo a cavalo atrás de reses; carreiros conduzindo pelas caatingas duas ou três juntas de bois; tangerinos tocando as manadas pelos caminhos; almocreves guiando a longa fila de burros carregados de mercadorias. Todas estas profissões definiam também existências em que a circulação nos grandes espaços era habitual. Realmente, o Sertão sempre foi habitado por uma população acostumada às viagens e aos deslocamentos freqüentes e periódicos.

Relações de parentesco, de aliança matrimonial, de compadrio, de prestações de serviços, de gratidão, uniam todos estes habitantes entre si, compondo grandes grupos de parentelas, circundados por famílias de rendeiros e de moradores e por toda sorte de outros protegidos. Aos chefes destas parentelas era importante contar com bandos de homens que pudessem defendê-los nas disputas e nos momentos dificeis. A existência de forte solidariedade não excluía a ocorrência de conflitos muito variados, ao contrário. Numa localidade ou região, o chefe de uma grande parentela podia estabelecer aliança com outro ou entrar em disputa com ele. Dentro do próprio grupo de parentes e mesmo no núcleo familiar, surgiam dissensões que degeneravam em lutas. As "guerras de família" eram, portanto, freqüentes e podiam eternizar-se.

Bairro pobre de Santa Brigida (1957).

3) TRANSFORMAÇÕES

Durante o século XIX, notou-se um crescimento rápido da população do Sertão. Não era que a região recebesse migrantes nacionais ou estrangeiros. O aumento observado era oriundo de certa melhoria das condições sanitárias, que alargava a esperança de vida dos habitantes. A varíola, por exemplo, moléstia que costumava dizimar a população daquela região, passou a ser combatida pela vacina, descoberta na Europa, ali empregada publicamente a partir de 1795, e disseminando-se pelo mundo do século XIX. Em 1839, os moradores do Cariri, zona fértil e naturalmente irrigada do sul do Ceará, demonstravam inquietação diante do aumento populacional e conseqüente fragmentação das propriedades. Era grande o número de herdeiros, o que diminuía a possibilidade de rebanhos extensos. Forçoso é lembrar que o gado, criado de maneira extensiva, exigia pastos amplos para alimentá-lo. Por outro lado, um maior número de habi-

tantes requeria roças muito maiores, o que determinava o sacrifício dos pastos. Estas circunstâncias estavam, pois, acarretando uma diminuição constante do nível de vida.

Um descendente pernambucano de grande estirpe de criadores de gado, Ulysses Lins de Albuquerque, lamentava em suas memórias como, no início do século XX, era crescente o número de velhas fazendas, habitadas pelos descendentes empobrecidos das antigas famílias importantes da região, cujas casas abandonadas viravam taperas. Alguns viviam de fazer carvão, queimando as poucas matas que ainda possuíam na propriedade. Outros se valiam dos recursos de pequenos roçados, tendo já vendido todos os rebanhos. Outros ainda procuravam o refúgio de pequenos empregos públicos nos povoados e nas vilas, que lhes permitissem vegetar. No passado haviam sido figuras obrigatórias dos centros urbanos municipais, vereadores nas Câmaras, juízes de paz, membros do corpo de jurados ou exercendo outras funções gradas. Agora, porém, raramente ali apareciam e sua vida se nivelara à dos antigos moradores das fazendas.

O período do cangaço independente, isto é, em que os bandos não estavam mais sediados em fazendas, nem seus componentes subordinados a chefes políticos ou a chefes de numerosa parentela — bandos cujos líderes, portanto, decidiam livremente suas ações e tomavam iniciativas sem imposição exterior —, coincidiu justamente com esta decadência. Segundo documentos existentes, o empobrecimento geral da população data de fins do século XIX.

Para compreender melhor o que foi este cangaço independente e errante, torna-se necessário descrever brevemente o que foi o cangaço subordinado aos grandes chefes políticos locais, aos troncos de numerosa parentela que, em determinados momentos, armavam seus vaqueiros, seus moradores, seus protegidos, quer para a conquista do poder municipal ou regional, quer para a conservação do mesmo.

III — O CANGAÇO SUBORDINADO AOS FAZENDEIROS

Nos primeiros tempos de ocupação do Sertão, os chefes de grandes famílias, que se dispunham a penetrar naqueles páramos desconhecidos, contratavam bandos de homens armados para defender os seus e mais a criação contra ataques de indios. Uma vez afastadas as tribos para o interior, esses bandos passaram a servir de apoio aos chefes a fim de assegurarem o dominio da localidade ou da região contra os rivais. Alguns homens de bando passavam a vida como simples capangas ou guarda-costas. A maioria, porém, constituia familia, habitando então nas terras do chefe local na qualidade de "morador" ou de "agregado". O aluguel da terra não interessava aos fazendeiros. Interessava-lhes manter em sua propriedade muitos homens, com os quais pudessem contar nos momentos necessários. O morador podia, em geral, cultivar sua roça sem nada pagar ao patrão, ou melhor, pagando-o com o auxilio de seu braço e de suas armas quando chamado a defendê-lo. Viviam os potentados do Sertão em fazendas afastadas dos povoados, nelas se sentindo mais a salvo dos ataques dos adversários. Quando iam à vila, rodeavam-se de grande quantidade de "seus homens" para se garantir contra qualquer ameaça.

Qualquer dissensão, por pequena que fosse, no interior de uma parentela, ou entre duas parentelas, imediatamente dava inicio a um conflito, que podia desenvolver-se na forma de uma "guerra de famílias", se estendendo por várias gerações. Assim, por exemplo, na luta entre Pereiras e Carvalhos, na zona de Pajeú de Flores, Pernambuco, a cada pequeno Pereira que nascia, aconselhavam seus avós, seus pais, seus padrinhos, "que procurasse o *seu* Carvalho a quem devia liquidar" o mesmo acontecia entre os Carvalhos e a pendência, ora violenta, ora larvada, chegou até os nossos dias.

Estas lutas ocorreram freqüentemente no Sertão, dando lugar a relatos que foram registrados em documentos e livros, ou se difundiram em versos de cantadores das feiras, perdurando até hoje na chamada "literatura de cordel". O chefe mais importante da parentela, que em geral era também um chefe político local, dava seu nome ao conjunto de parentes, afilhados, agregados: Cunhas e Patacas no Ceará, Dantas e Carvalhos Nóbregas na Paraíba, Pereiras e Carvalhos em Pernambuco, constituiram exemplos dessas intermináveis lutas, em que os bandos de cangaceiros de uma e de outra família fechavam caminhos, saqueavam viajantes, entu-

piam cacimbas, esvaziavam açudes, incendiavam casas de fazenda, atacavam povoações, perpetuadas em histórias consteladas de vinganças sangrentas, de feitos heróicos, de dedicações extremadas, de amores românticos. Muitas vezes, o continuador do antigo chefe, ao ascender ao comando, adotava-lhe o nome, para mostrar uma filiação de que se orgulhava. Assim, Jesuino Brilhante adotou este sobrenome em memória de seu tio, o famoso José Brilhante de Alencar e Souza, ao assumir a chefia da parentela e ao dar continuidade a uma longa guerra de famílias.

1) CONSERVADORES E LIBERAIS

Durante o Império, a divisão política entre dois partidos, o Conservador e o Liberal, constituiu novo motivo de disputa entre os potentados, cada qual aderindo ao partido oposto ao do seu rival.[1] As próprias autoridades locais — juiz, delegado, funcionários diversos — ligavam-se a um ou outro partido. Quando o Partido Conservador, por exemplo, estava dominante num município ou numa região, as parentelas que compunham o Partido Liberal, seus bandos de capangas, as autoridades que pertencessem ao mesmo partido, eram consideradas "na ilegalidade". Como tal, viam-se perseguidas, aprisionadas, dizimadas, e as autoridades administrativas destituídas de seus cargos. No momento, porém, em que o Partido Liberal tomava o poder naquela zona, passava para a "legalidade" e "ilegais" se tornavam os componentes do Partido Conservador, que eram atormentados, maltratados, punidos e substituídos por outra gente nos postos administrativos locais.

Leia-se por exemplo o relato das lutas que tiveram por centro a Vila do Teixeira, na Paraíba, em 1866. O jovem chefe do Partido Conservador, Liberato de Carvalho Nóbrega, fora preso por seus inimigos das famílias Dantas e Cavalcânti Ayres, pertencentes ao Partido Liberal, e encerrado na cadeia do povoado. Seus irmãos Franco e Augusto pediram auxílio ao tio Justino e a um parente, Sebastião Raposo, prestigioso chefe de outra localidade, a fim de conseguir a libertação do prisioneiro. Estes chefes reuniram cinqüenta moradores e vaqueiros, e entraram na Vila do Teixeira fazendo tal algazarra que os adversários, aterrorizados, se esconderam, a polícia não apareceu e o carcereiro sumiu. Libertado o jovem chefe, o grupo saiu da Vila, dirigindo-se a uma propriedade da família, e os homens do bando foram dispersados. No dia seguinte, nada de anormal se notava, cada homem estava em seu serviço: o cangaceiro do dia anterior vestia novamente o gibão de vaqueiro e campeava indiferente, como se nada tivesse acontecido em sua vida na véspera... Os bandos de homens armados não eram constantes e sim temporários, agregando-se e desfazendo-se ao sabor das disputas e dos conflitos.

Sob a cobertura da divisão política entre dois partidos, Conservador e Liberal, estendeu-se assim pelo Império

---

* Ver Wernet, Augustin "O periodo Regencial" — História Popular/nº 7 São Paulo — Global Editora — 1982 (N.E.).

afora uma atmosfera de luta constante. Embora a motivação fosse a conquista do poder local, os mais variados pretextos serviam de justificativa para os conflitos: disputas pela liderança no interior de uma parentela, partilhando-a em duas metades irreconciliáveis; questões de herança e de terra; casos amorosos os mais diversos. Proclamada a República, extintos os dois partidos, as lutas iniciadas prosseguiram, dando agora mais realce ao seu aspecto de querelas de parentelas.

2) OLIGARQUIAS

Assim, em 1916, em Pernambuco, Sebastião Pereira, conhecido como Sinhô Pereira, neto do Barão de Pajeú, formou um bando para vingar a morte do seu pai e de seu irmão. Foi à fazenda do sogro de um de seus primos, no Ceará, o major José Inácio, e com ele conseguiu dezoito homens em armas. Seu primo Luiz Padre, cujo pai fora assassinado por um Carvalho e cuja mãe, D. Chiquinha, estava constantemente exigindo que "morresse Carvalho" para vingar a morte do marido, aderiu ao bando com alguns homens. Desde então até 1922, Sinhô Pereira e Luiz Padre andaram em correrias no interior de Pernambuco e da Paraiba, refugiando-se no Ceará e em Alagoas sempre que necessário, pois ali tinham grandes amigos. Os Carvalhos, pertencentes ao grupo que então dominava a politica em Pernambuco, valiam-se da policia e das milicias para se defenderem, denunciando seus adversários como "perigosos bandidos". Este exemplo esclarece o que se passava no Sertão durante a primeira República. Desaparecidos os dois partidos do Império, prosseguia a luta pelo poder local, por intermédio das disputas de parentelas, defrontando-se então os que estavam no poder ("legalidade") contra os que pretendiam o poder ("ilegalidade").

Em 1922, aconselhado por Padre Cicero, de quem era devoto, Sinhô Pereira consentiu em se retirar de Pernambuco, liquidando ali os seus haveres. Comprou terras no norte de Minas Gerais, onde, sempre acompanhado pelo primo Luiz Padre, retomou seus afazeres de criador de gado — tradição de familia — vivendo largos anos em tranqüilidade e falecendo há pouco tempo, em idade muito avançada. Antes de abandonar a luta, em seu Estado natal, porém, chamara um de seus lugar-tenentes, que lhe parecia muito capaz, encarregando-o de liquidar o último de seus adversários dentre aqueles que culpava pela morte do irmão. Este seu seguidor, que aderira ao bando de Sinhô Pereira em 1918 para vingar a morte de seu próprio pai, exterminado por um parente dos Carvalhos, reuniu os homens do bando que não quiseram migrar para outras terras e executou fielmente a promessa feita ao chefe. Chamava-se Virgulino da Silva Ferreira e ao entrar para o bando de Sinhô Pereira lhe haviam dado o apelido de Lampião...

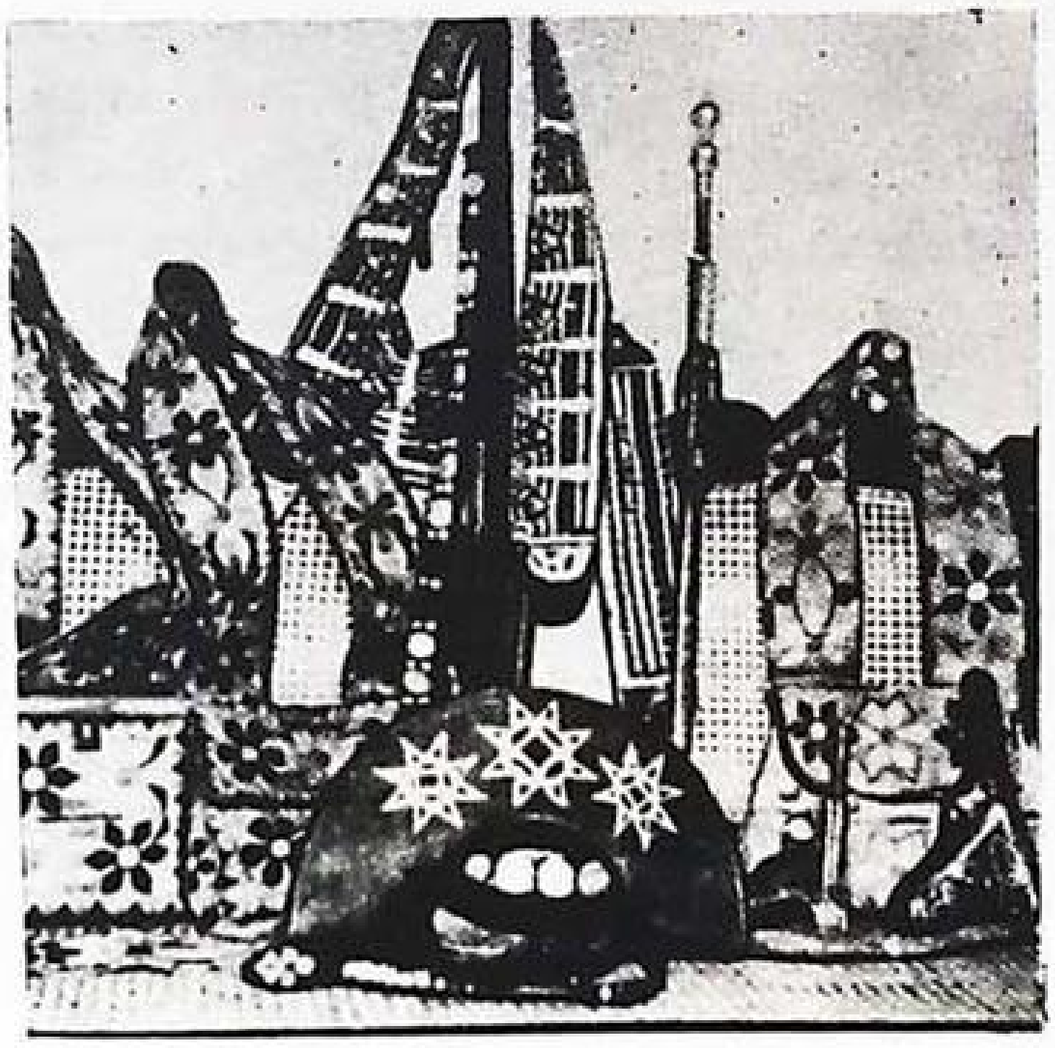
O exemplo de Sinhô Pereira é importante porque esclarece a modificação havida do Império para a República: durante o Império, lutavam Conservadores contra Liberais, partidos politicos que eram nacionalmente reconhecidos. Na 1.ª República, passou a exis-

tir um partido único, o Partido Republicano. A luta pela dominação local se travou, então, entre os que ocupavam os cargos politico-administrativos e neles procuravam eternizar-se (oligarquias), e seus contrários, rotulados por eles como bandidos. No momento em que estes venciam, passavam a ocupar as chefias e os cargos, destituindo os anteriores. Este movimento pendular foi, no entanto, bastante raro, pois o grupo que atingia o poder, além de contar com seus homens habituais, apoiava-se também na policia e em outras forças regulares estaduais e federais. A tendência era, assim, de a oposição ser constantemente considerada "ilegal" e "criminosa", e de a luta pela dominação utilizar novos instrumentos de controle local, como a policia, cuja importância pouco a pouco se via realçada. Embora existisse teoricamente desde o Império, a policia durante muito tempo não tinha expressão alguma, só sendo reforçada após a proclamação da República.

Dentro deste quadro de oligarquias e de desenvolvimento das forças policiais é que começaram a aparecer bandos, cuja ligação com os chefes politicos locais assumiu nova forma. A antiga sujeição era substituida pela independência e pela autonomia. Três nomes destacam-se, associados a esta nova modalidade de cangaço: Antônio Silvino, Lampião, Corisco. Este novo cangaço se localizou entre duas datas extremas, 1900 e 1940, que marcaram a afirmação de Antônio Silvino como chefe de um bando independente (1900) e a morte de Corisco, o Diabo Louro (1940), com a qual ocorreu o desaparecimento total deste tipo de bando. As afirmações acima exigem, porém, o exame prévio de uma questão: não teriam mesmo existido bandos independentes anteriormente ao século XX?

IV — PRECURSORES DO CANGAÇO INDEPENDENTE

A existência de bandos independentes não é mencionada senão raramente nos relatos, nas memórias, na literatura, nos periódicos e nos demais documentos das diversas épocas anteriores ao século XX. As referências ao cangaço subordinado, ao contrário, são freqüentes e numerosas, mostrando que esta era a forma habitual dos bandos dos periodos colonial e imperial. É interessante verificar como eram então os bandos independentes e como surgiam.



Chapéus, bolsas e armas dos cangaceiros, acervo do Museu Nina Rodrigues. O equipamento de um cangaceiro pesa aproximadamente 40 kg.

1) O "CABELEIRA"

Em 1876, o escritor cearense Franklin Távora publicou seu romance "O Cabeleira", em que, apoiando-se em crônicas de fins do século XVIII, narrou a história dos bandidos Joaquim e José Gomes (pai e filho), os quais, juntamente com um compadre, o negro Theodósio, haviam, "por maldade natural" (sic), formado um grupo de cangaceiros. A história se inspirava em fatos verídicos. Os três companheiros haviam recrutado outros comparsas e devastaram o sertão de Pernambuco, fazendo incursões na Paraiba e no Rio Grande do Norte.

Os componentes do bando eram chamados por seus apelidos. O jovem José, devido à espessa e cacheada juba que lhe caia até os ombros, era denominado o "Cabeleira"; os demais eram conhecidos por Corisco, Ventania, Jurema, Gavião, Jacarandá — nomes que também serão encontrados mais tarde nos bandos de Antônio Sil-

vino, de Lampião, de Corisco, podendo-se falar então numa "tradição" de apelidos de cangaceiros. Reinava na região o medo dos bandidos: "Quando se espalhava a notícia de que o Cabeleira se aproximava com seu bando todos se punham em armas e aqueles que assim não se preveniam por timoratos, os recebiam com submissos obséquios, e se prestavam apressados a todas as suas exigências". Desta forma, ameaçados pelos bandidos, os roceiros ou combatiam ou auxiliavam os malfeitores. As fugas para o mato eram também freqüentes.

Cantigas e versos alusivos circulavam pelo Sertão e as avós acalentavam os netos cantando:

Fecha a porta, gente,
Cabeleira 'i vem,
Matando mulheres,
Meninos também.

Os destacamentos de polícia e as volantes (Franklin Távora já empregava este termo, em 1876, para designar grupos de voluntários que se apresentavam às autoridades a fim de lutar contra os cangaceiros) encontravam toda sorte de dificuldades para perseguir o bando, que se movia com grande rapidez, dividindo-se em pequenos grupos a fim de escapar com maior facilidade aos perseguidores, juntando-se novamente mais tarde. Apertado o cerco, os cangaceiros se ocultavam nas matas, nas cavernas das serras, nos carrascais da caatinga. E seu acampamento era assim descrito pelo romancista: "Tinham eles assentado o seu arraial ao pé de um olho-d'água que não secava ainda no rigor do verão. Este arraial compunha-se de meia dúzia de ranchos abertos por todos os lados e unicamente cobertos de palhas de pindoba. Dos caibros pendiam surrões, véstias e chapéus-de-couro. Algumas redes estavam armadas dentro das palhoças. À noite alumiavam-se ordinariamente com fogueiras (....) Tudo anunciava que o ponto era sempre provisório e podia ser deixado de um momento para outro sem prejuízo nem saudade. Ali os cangaceiros, ao som da viola, entretinham-se uns a cantar, outros a dançar, como brincam e saltam as crianças na campina". Capturado finalmente por forças militares, Cabeleira, seu pai e Theodósio foram condenados e enforcados.

Este bando, cuja história Franklin Távora localizou entre 1775 e 1776, não seria o único a se movimentar nos sertões. O autor dá a entender que outros existiriam, pois florestas e serras rochosas ofereciam facilidades ao seu desenvolvimento. Secas e epidemias eram, segundo o autor, fatores responsáveis pelo seu aparecimento. Justamente entre 1775 e 1776, fora a província de Pernambuco castigada por uma epidemia de varíola e em seguida por uma seca que se estendera por 1777 afora, permanecendo conhecida na tradição do povo como "a grande seca dos três sete". O autor atribuiu, pois, a existência de bandos independentes, como o de Cabeleira, aos momentos de grande calamidade pública.

Documentos do século XIX efetuam a mesma ligação entre catástrofes naturais e o aparecimento de bandos independentes. Nas grandes secas cíclicas, a economia do Sertão se desorganizava inteiramente. Os potentados locais, que em geral garantiam a ordem, pois sem ela a economia se desorganizava, emigravam para outras regiões com sua família e seus homens. Os criadores e agricultores menores viam-se reduzidos à inanição. Agita-

ções ocorriam então, formavam-se bandos armados decididos a conquistar à bala a subsistência da família e muitas vezes eram denominados, nos documentos da época, "cangaceiros sem proteção", isto é, que não se abrigavam à sombra de nenhum chefe político. Os líderes destes grupos encaravam o momento como extremamente propício para assegurar sua auto-afirmação e sua ascensão sócio-econômica.

2) JOÃO CALANGRO

Excelente exemplo foi o de João Calangro que, na região do Cariri (Ceará), durante a grande seca de 1877, organizou um bando e dominou aquela área. Em 1875, João Calangro era apenas um capanga do grupo de Inocêncio Vermelho, grupo aliciado e sustentado pelo juiz municipal do município de Jardim, chefe político local, com o objetivo de manter a ordem. O bando de Inocêncio Vermelho era, pois, um bando subordinado a um poderoso local. Assassinado Inocêncio em 1876, Calangro, que se gabava de ter cometido trinta e dois assassinatos sem que qualquer processo fosse intentado contra ele, tornou-se seu sucessor. Com a seca de 1877 e as desordens regionais que ela ocasionava — os bandos de retirantes invadindo e saqueando povoados —, várias autoridades e chefes políticos reclamaram o concurso de Calangro contra os "grupos de malfazejos", isto é, dos esfomeados miseráveis que procuravam não morrer à mingua. O Cariri, rico oásis, era particularmente visado pelos retirantes, diante dos quais fugiam os fazendeiros abastados e as autoridades.

Aos olhos destes, João Calangro se tornou então um "garantidor da ordem e da propriedade". Orgulhoso de sua ascensão, o pequeno mas robusto líder, de cabelos avermelhados e rosto sardento, exigiu que o chamassem de General-brigadeiro João de Souza Calangro, passando assim a assinar os bilhetes ameaçadores que enviava a quem não quisesse dobrar-se às suas ordens. Chamado aos povoados para defender seus habitantes, exigia, em pagamento, dinheiro, víveres, mercadorias variadas, dando-se ao luxo de vestir seus homens com fardas de casimira, que era o tecido mais caro do Sertão. Seu bando, inicialmente de vinte e dois componentes, aumentava a olhos vistos, acreditando-se que em pouco tempo teria chegado aos 100 homens.

Eis, porém, que mudaram as condições climáticas em 1879. O Sertão reverdeceu, as roças prometeram boas colheitas, o gado retornou aos pastos, desapareceram os perigosos grupos de retirantes. Os abastados fazendeiros, os chefes políticos, as autoridades locais, regressando das cidades do litoral onde se haviam refugiado, viram-se a braços com o prestígio, a soberba e as exigências de João Calangro, que pretendia continuar independente, sem se submeter a nenhum comando. Teve então início verdadeira guerrilha entre, de um lado, Calangro e seus homens, e, de outro lado, a polícia e as volantes organizadas pelos fazendeiros locais e autoridades que desejavam exterminá-los. Os cangaceiros lançaram mão de toda sorte de estratagemas.

Parte da população era pressionada para auxiliá-los, e o fazia temerosa das vinganças sangrentas dos bandidos.

Finalmente, perseguido de perto, Calangro dispersou seus homens e resolveu abandonar a região. Calçou então as alpercatas com as pontas voltadas para os calcanhares, a fim de que os perseguidores, examinando as pegadas, julgassem que ele descia para o Brejo dos Santos, quando na verdade subia a Serra do Araripe em busca de um asilo seguro. Encontrou refúgio no sitio do Padre Manuel Antônio de Jesus, que ali vivia com sua amásia, de quem tinha vasta prole. Amigo de Calangro, mandou que o sacristão tocasse a finados na igreja da vila próxima, anunciando a morte do "general-brigadeiro". Efetuou em seguida um enterro ficticio, levando para o cemitério e enterrando um pilão dentro de uma rede carregada por dois homens. Enquanto era realizado o enterro, fugiu Calangro para o Piaui, onde passou a morar e de onde nunca mais regressou.

3) RETIRANTES

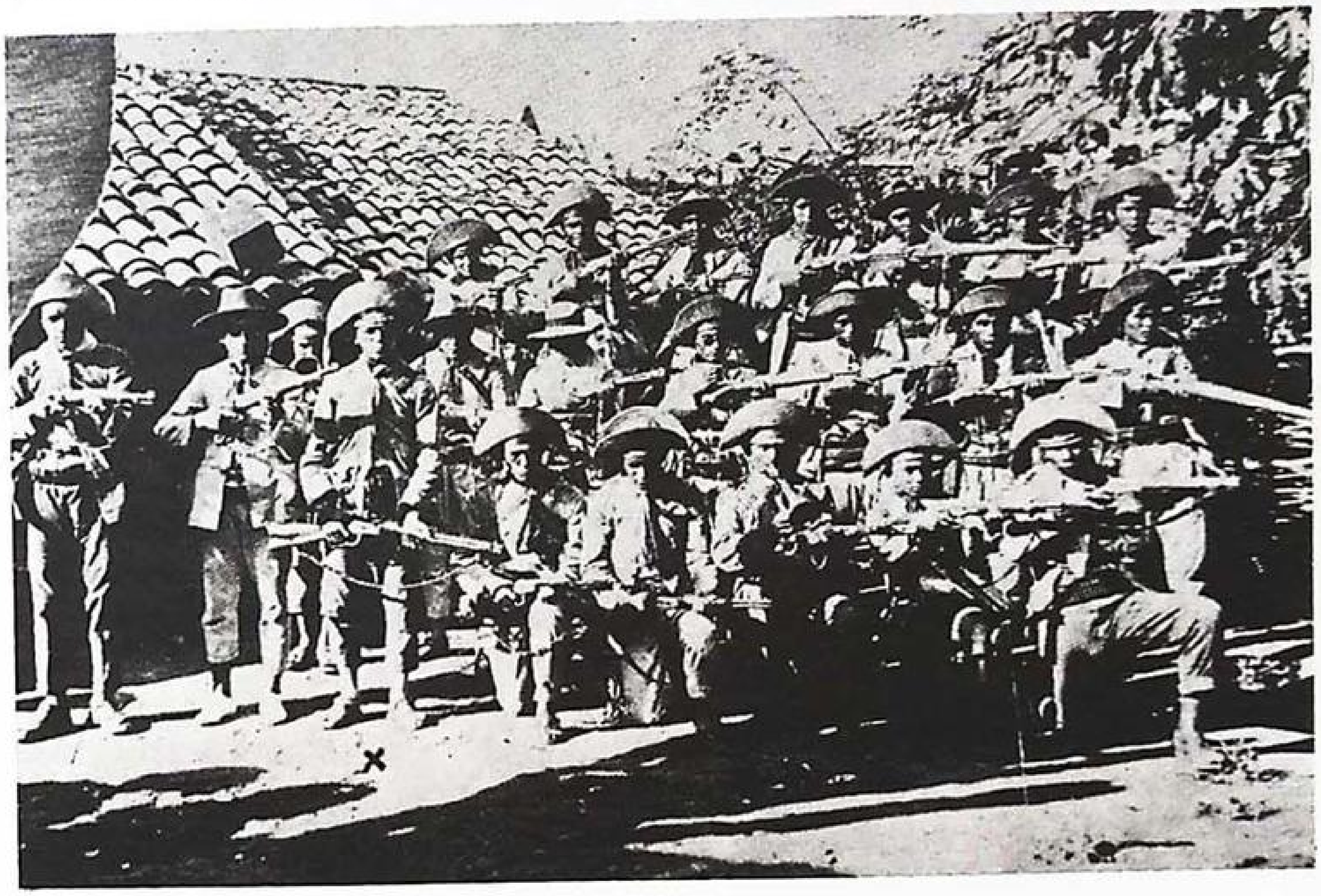
Na maioria das histórias de bandos como este, que se formavam durante os periodos de dolorosa estiagem, como as de 1777, 1825, 1877, pequenos fazendeiros, sitiantes, vaqueiros, moradores, transformados em esfomeados, pilhavam propriedades e povoados, e eram combatidos como autênticos bandidos, enquanto os cangaceiros eram apresentados como "defensores da ordem". Durante a seca de 1877, lia-se no jornal "O Cearense": "Hoje é perigoso ser rico, pois o povo pobre lhe há declarado guerra de morte". Dias depois, um editorial do mesmo periódico noticiava que por toda parte, no interior do Estado, bandos "acometiam a propriedade com a maior ostentação", comentando ainda: "Dir-se-á que se proclamou entre nós o comunismo..." A Comuna de Paris, instalada na Cidade Luz de 18 de março a 28 de maio de 1871, tivera ampla repercussão nos meios letrados de nosso Pais, e o mesmo jornal já citado, buscava certo paralelismo entre ela e o que ocorria então no Sertão, chegando a declarar que, se persistisse esse estado de coisas, não estaria longe o dia em que "o comunismo passaria do campo puramente especulativo e teria a mais formidável aplicação prática" entre nós.

Mas, já então, fazia-se notar uma diferença fundamental entre os bandos de retirantes e os bandos de cangaceiros — além do móvel para agir, tão diverso num e noutro caso. Podiam realmente os retirantes atacar propriedades e povoados com extrema violência e crueldade, quando premidos pela necessidade. Seus bandos, porém, eram indisciplinados, atacavam desordenadamente e não tinham permanência no tempo; duravam apenas o momento de um assalto, de uma pilhagem. De outro tipo eram os bandos de cangaceiros como de João Calangro, que treinava seus homens no exercicio das armas de fogo, que exigia deles disciplina e uniformização, que os organizava em grupos menores muito adestrados. No romance de Franklin Távora, também se nota como o Cabeleira estruturava seu bando em unida-

des menores e os exercitava sistematicamente.

Confundir, como fazem muitos documentos da época, estes bandos organizados, cujas motivações eram o enriquecimento pelo roubo e pela pilhagem, com os grupos de retirantes premidos ao assalto pela miséria reinante, era proveitoso para os abastados fazendeiros e criadores, para as autoridades, que defendiam da pilhagem seus bens e o seu dominio. No afã de se garantirem, chegavam os ricos ao extremo de se aliarem com verdadeiros bandidos, os quais, de ameaçadores fora-da-lei, passavam, assim, a colunas mestras da defesa da ordem...

Pela sua intermitência, pela sua ligação muito clara com os momentos de calamidade pública, pela pequena menção que lhes é feita nos documentos consultados, pode-se concluir que este cangaço esporádico teria sido um precursor do cangaço independente, isto é, dos bandos que porfiavam por se manterem livres de qualquer jugo. Porém, seu tempo de duração era exclusivamente o tempo que duravam as catástrofes.



O bando de Lampião (1929).

V — OS CANGACEIROS INDEPENDENTES

1) AS ALIANÇAS

Durante 40 anos, a partir de 1900, três bandos assolaram sucessivamente o Nordeste seco, procurando manter-se livres de qualquer jugo, tanto dos chefes políticos locais apoiados nas grandes parentelas, quanto das autoridades auxiliadas pela polícia. Esta tentativa de preservar sua liberdade de ação, de tomar sua decisão com autonomia, sem nenhuma dominação exterior ao bando, era encarada pelos chefes locais e pelas autoridades como muito perigosa para a manutenção de sua própria soberania, conscientes que estavam de que um novo poder, com base exclusivamente na força, os ameaçava. Um comportamento constante dos chefes locais, com relação aos líderes do cangaço independente, foi o estabelecimento de alianças, muitas vezes reforçadas por relações de compadrio. As relações de aliança e o compadrio, muito difundidos na região, realmente tradicionais no Brasil todo, pressupunham contratos tácitos de auxílio mútuo nas mais diversas circunstâncias — contratos que se estabeleciam entre iguais. Qualquer deslize no relacionamento tradicional era considerado "traição abominável" e os aliados da véspera passavam a inimigos mortais.

Um dos melhores exemplos destas relações de aliança está no pacto implicitamente estabelecido entre Lampião e o poderoso chefe político do município de Jeremoabo, ao norte da Bahia, Cel. João Sá. Vangloriava-se João Sá de ser tão temido e respeitado, que o próprio Lampião, que tanto havia circulado pela região, nunca atacara as "suas" fazendas e a "sua" cidade. Na verdade, vários documentos demonstram que João Sá freqüentava os acampamentos de Lampião, principalmente o que estabelecera no Raso da Catarina, sendo parceiro habitual das rodas de jogo que o chefe de cangaceiros ali organizava freqüentemente. Este relacionamento se estreitara ainda mais porque João Sá aceitara ser padrinho de filhos de Lampião com Maria Bonita; os pais dela eram fazendeiros na Malhada do Caiçara, município de Jeremoabo, e eram também "gente" do Coronel João Sá...

Estas relações de aliança, que se faziam e desfaziam ao sabor das conve-

niências e das circunstâncias, constituiam um dos fatores importantes da continuidade e da impunidade dos cangaceiros. E o fato de o Sertão seco se estender por vários Estados também era mais uma vantagem. Quando suas aventuras desencadeavam contra os bandos a quase unanimidade dos chefes politicos e das autoridades de uma região ou de um Estado, refugiavam-se noutro, vizinho, onde encontravam gente que os acobertava.

2) MEDO E SIMPATIA

Um outro fator de êxito também importante para os bandos era sujeitarem pequenos fazendeiros, moradores, agregados, à condição de aliados forçados, utilizando como instrumentos de pressão o dinheiro e o medo. São inúmeros os testemunhos existentes a este respeito. Lampião, por exemplo, quando se estabelecia numa zona, pagava semanalmente vários sertanejos para que o avisassem da aproximação de seus perseguidores. Em geral, estes sertanejos eram "gente" dos coronéis aliados ao cangaceiro, que ficavam assim duplamente obrigados: pela lealdade devida ao patrão e pelo "salário" pago pelo chefe de cangaceiros. Os relatos de crueldade dos cangaceiros quando se viam traidos são inúmeros, fossem os coiteiros fazendeiros abastados ou humildes moradores; não se limitavam a castigar os faltosos, envolviam na punição a família toda e até mesmo todo o povoado em que por acaso residissem. As desumanidades cometidas pelos bandos aumentavam os receios em relação a eles. Os ricos fazendeiros e criadores de gado tinham ainda o recurso de partir da região, buscando a tranqüilidade das cidades maiores; os médios proprietários, os pequenos lavradores, os vaqueiros, os moradores, porém, ficavam à mercê dos cangaceiros e o medo de represálias os transformava em aliados forçados.

Medo ou simpatia? A pergunta se coloca, pois houve, sem dúvida, também gente que aberta ou secretamente buscou sempre ajudar os bandos. A documentação que se possui, no entanto, faz supor que o medo seria mais atuante do que a simpatia. A simpatia, por sua vez, não existia apenas nas camadas inferiores do mundo rural e urbano do Sertão. Permeava também todas as outras, de tal modo que tanto havia pobres coiteiros pagos pelo bando, como coiteiros importantes, entre os grandes chefes politicos. A dualidade que existira sempre no Sertão e que dividia as famílias entre "situação" e "oposição", emergia agora sob a forma de "simpáticos ao cangaço" e "perseguidores do cangaço".

Tais "perseguidores do cangaço" aumentavam na medida em que os cangaceiros exerciam vinganças cruéis contra povoados ou contra indivíduos, ao suporem, com ou sem razão, que lhes eram contrários ou que os haviam traido. A formação das "volantes" decorria também de tais fatos. Um dos exemplos claros foi o que sucedeu quando Maria Bonita, na Malhada do Caiçara, abandonando seu marido, resolveu ligar sua vida à de Lampião. Ofendidos com o ocorrido irmãos e

primos do marido juntaram-se à volante da polícia que, nessa região norte da Bahia, agia contra os cangaceiros. Os parentes de Maria Bonita, seu pai, seus cunhados, seus primos, no entanto, não escondiam o orgulho de fazerem agora parte da "família" de Lampião, e, na mesma região, aberta ou sub-repticiamente, auxiliavam o bando.

Um outro fator não deve ser esquecido: estar o Sertão, desde tempos imemoriais, dividido em parcialidades cuja reconciliação, quando ocorria, ficava à mercê do menor pretexto para ser desfeita. Ainda com o mesmo Lampião, sua entrada para o bando de Sinhô Pereira, estava ligada ao assassinato de seu pai, na grande luta entre Pereiras e Carvalhos, que se irradiava sob outros nomes para a Paraíba, para Sergipe, para o Ceará. Na Paraíba, eram eles contrários aos Dantas, que dominavam toda a zona de Princesa e grande parte do interior do Estado. Lampião dirigiu-se um dia para Princesa, onde entrou triunfalmente, depois de vencidos os Dantas e seus aliados. Um destes, o fazendeiro Clementino Furtado, jurou vingança. Engajou-se na polícia, recebeu imediatamente o posto de sargento, e foi o popular Sargento Quelé, um dos grandes perseguidores de Lampião.

Qual o peso maior nos comportamentos dos habitantes das regiões palmilhadas pelos cangaceiros — simpatia e proteção, ou perseguição e ódio? A documentação indica a existência de ambos e, como já se disse, permeando sempre, todas as camadas sociais do Sertão. A simpatia se expressou muitas vezes em jovens, adolescentes, até meninos, que buscavam os bandos atraídos pelas histórias de lutas, pela miragem de vida fácil e farta (isto é, sem o trabalho de sol a sol, sem as incertezas da agricultura e do clima, e com o sustento assegurado), pela fama aventureira daqueles indivíduos metidos em roupas vistosas, de chapéus e bandolas profusamente enfeitados com moedas de ouro. Muitas mulheres sofreram a mesma atração e se ligaram a cangaceiros. Muito maior, porém, parece ter sido a quantidade dos que aderiram aos grupos levados por um desejo insatisfeito de vingança.

Do lado oposto aos cangaceiros, este mesmo desejo insatisfeito de vingança aumentava os ingressos de indivíduos na polícia e multiplicava as volantes. As volantes eram pequenos grupos de soldados comandados por um tenente ou um sargento, sem quartel fixo, que percorriam continuamente as regiões interioranas a fim de combater os bandidos. Muitas vezes, um fazendeiro reunia os seus apaniguados e se apresentava à polícia, formando assim uma volante que permanecia sob seu comando. Encontrava-se, pois, no interior das volantes e da polícia, uma estrutura sócio-econômica correspondente à existente no Sertão. O fazendeiro Clementino Furtado, ao entrar para a polícia, não foi recebido como simples recruta: imediatamente lhe deram o posto de sargento. Fazendeiro não podia ingressar na polícia como soldado raso...

A hierarquia não existia somente na polícia. Os bandos de cangaceiros não eram igualitários internamente: muito pelo contrário, estavam estruturados em níveis diversos. Os critérios que determinavam a hierarquia eram muitos. Em primeiro lugar, uma ligação mais estreita com o chefe levava-os a posições de mando. Assim, os irmãos

e cunhados de Lampião faziam parte dos "grandes" do bando. O valor demonstrado nas andanças e aventuras também retirava o individuo do anonimato, alçando-o a melhores postos, como se deu com Volta Seca, sempre no bando de Lampião. Finalmente, a posição da familia do postulante, na sociedade global formada pelo Sertão, determinava também um lugar destacado no interior do bando. Corisco, ao ingressar no grupo de Lampião, a princípio deveu sua colocação ao fato de se originar de importante família de Alagoas.

Todo bando de cangaceiros encerrava, pois, os "grandes", cujos nomes eram conhecidos e chegaram até nós, e a "arraia miúda", os anônimos componentes que formavam a sua massa, que permaneceram desconhecidos e que, como sempre, contribuíram com o maior número de mortos nas refregas incessantes. Nesse ponto, polícia e cangaceiros se estruturavam da mesma maneira e sempre os do escalão mais baixo pagavam o maior preço pelas aventuras.

Num outro ponto também se aproximavam cangaço e polícia: nas façanhas e na crueldade. A polícia não se compunha apenas de indivíduos assalariados, cuja função era a manutenção da ordem: esta era simplesmente a sua fachada legal. Na verdade, ela estava formada por conjuntos de individuos de diversas camadas sociais, que se empenhavam em perseguir os bandidos por questões de vingança pessoal ou familiar. Um exemplo, também relativo a Lampião, esclarece este ponto: não podendo matar João Nogueira, seu inimigo, que havia fugido, Lampião e seu bando penetraram no município deste matando-lhe o pai e outros membros da família. As represálias não se fizeram esperar: muitos Nogueiras e seus aliados se engajaram imediatamente na Polícia de Pernambuco.

Levados pelo ódio, os componentes das volantes agiam com os simpati-

Uma "volante", soldados da policia (1935).

zantes dos cangaceiros da mesma forma pela qual estes haviam se comportado com seus inimigos. Em certas zonas do Sertão, quedavam os habitantes indefesos, premidos entre duas forças contrárias: os bandos de cangaceiros de um lado, os bandos das volantes de outro, cada qual buscando refinar suas perversidades a fim de alcançar a dominação local efetiva, através do terror. Os habitantes mais ricos podiam fugir para outras paragens, escapando ao flagelo. Os demais não tinham outra solução senão ir vivendo como fosse possível, manobrando entre as duas forças ou tomando decididamente partido por uma ou por outra: entrando para as volantes, ou caindo no cangaço.

Ranulpho Prata, que em livro publicado em 1930 denunciou os crimes de Lampião, descreveu também as condições de desamparo em que ficavam os habitantes perseguidos de ambos os lados. Foi o que sucedeu com um velho sitiante denominado Damázio, em cuja casa Lampião penetrou "como uma rajada", violentando-lhe as filhas, roubando-lhe as economias, espancando-o. Aterrorizado, deixou passar dois dias e só então foi a Jeremoabo denunciar o ocorrido. A autoridade a quem se queixou, porém, tratou-o de "coiteiro" por ter demorado em dar queixa e, "para castigo de tão grande crime, mandou aplicar-lhe uma surra mestra". Por isso lamentavam-se os moradores, dizendo outro velho ao mesmo Ranulpho Prata: "... O sertão véve debaixo duma carga pesada. Um costá é feito de Lampião e da seca, e o outro é só da Força do governo". Afirmavam assim que os desmandos da tropa pesavam tanto quanto as ações de Lampião, somadas aos rigores da seca...

O que estava em jogo, na verdade, entre Lampião e a "força do governo", como se dizia então, era a dominação local. Tanto assim que quando os bandoleiros se instalavam numa localidade, com cujas autoridades haviam contraído um pacto positivo, ali permaneciam em paz, sem tropelias, sem serem incomodados. Lampião, por exemplo, certa vez se instalou em Triunfo, Pernambuco, onde contava com a proteção de toda a máquina política local, desde o prefeito até o vigário. Ali viveu tranqüilamente durante algum tempo. Festas eram organizadas em sua homenagem. Seus "cabras" transitavam pelas ruas como qualquer habitante. Rodinhas de adultos, jovens e crianças vinham ouvir-lhes, na praça, as façanhas contra as volantes. Os adversários do prefeito, porém, conseguiram um dia matá-lo, invadindo a sede municipal à frente de duzentos homens. Lampião, ausente, foi avisado e, com seus homens (eram cinqüenta naquela ocasião), saiu no encalço da tropa, para vingar o aliado, porém dessa vez sem êxito. Ordenou então a retirada, dizendo: "... Ome que morre à toa não mostra vantage..." e voltou a esconder-se na caatinga.

A grande rivalidade que se instalara entre cangaceiros e volantes mascarava a realidade, que era assegurar a vitória de determinada facção. Cangaceiros e volantes continuavam, assim, as velhas lutas de parentelas que sempre haviam existido na região. Constituiam, portanto, um prosseguimento das contendas infinitas entre Conservadores e Liberais, que vigoravam durante o Império. A perseguição dos cangaceiros pelas volantes nada mais era, no século XX, que uma nova faceta

das velhas dissensões que se vinham travando durante todo o século XIX, tendo como alvo o poder local. E nos combates, como no dia-a-dia do contato com os habitantes, as mesmas atrocidades marcavam o comportamento de cangaceiros e volantes, exercidas contra seus inimigos, pertencentes a todas as camadas da população.

E nem podia ser de outra maneira, uma vez que a origem de cangaceiros e de volantes era a mesma: fazendeiros, sitiantes, vaqueiros, moradores, isto é, os habitantes do sertão seco, teatro das correrias.

3) NECESSIDADE ECONÔMICA

Um terceiro fator, porém, não pode ser esquecido quando se analisa a formação dos bandos de cangaceiros e das volantes: o fator econômico. Lampião a ele se referiu claramente várias vezes. Da primeira vez, no início de suas atividades, durante o encontro inteiramente pacífico com Optato Gueiros que, mais tarde, seria um dos seus perseguidores na polícia. Um dos componentes do bando perguntara a Optato Gueiros, simples sargento, quanto ganhava por mês, respondendo-lhe este que noventa e cinco mil réis. Lampião então exclamara. "Hum!... muito pouco. É melhor ser cangaceiro mesmo." Declaração idêntica fez mais tarde ao Padre Emílio de Moura Ferreira. Depois de ouvir missa, exortado pelo padre a que abandonasse o cangaço, afirmou que não podia fazê-lo por motivos econômicos, pois "hoje em dia a vida só é boa pra sordado e pra bandido".

Além do fator econômico, o gênero de vida do cangaceiro era também muito atraente. Todas as vezes em que pôde instalar-se por algum tempo sem problemas, em alguma localidade, Lampião (cujo exemplo sempre é importante analisar, pois foi o cangaceiro independente que teve vivência maior em sua "profissão"), levava vida regalada, rodeado de seus "cabras", comendo, bebendo, dançando e cantando. Assim foi em Triunfo, assim foi em Barreiros, perto de Vila Bela (Pernambuco), assim foi na Várzea da Ema, no Raso da Catarina, Estado da Bahia, assim foi também no Angico, em Sergipe, onde finalmente foi morto. Os chefes locais achavam, muitas vezes, que era vantajosa sua permanência numa localidade, pois com suas exigências de vida faustosa, de despesas ostentatórias, de freqüentes festas, de reuniões para jogatina com os poderosos municipais, animava o comércio, multiplicava as feiras, revitalizava a produção.

O documentário cinematográfico do sírio Abraão Benjamin, retratou o viver do bando no norte da Bahia, onde o Raso da Catarina foi durante muito tempo o esconderijo preferido de Lampião. Nos rolos de filme que escaparam à destruição e que compõem quinze minutos de projeção, os cangaceiros agem com a espontaneidade de um bando de meninos em férias. "Viajam", estabelecem pouso, constroem o acampamento, comem, dançam, lutam. A alegria de viver ritma-lhes o gesto e os espectadores se defrontam com uma gente feliz e realizada. Compreende-se então que seu grito de guerra fosse: "Aí vem Lampião, aman-

do, gozando e querendo bem!" Procuravam realizar, para eles mesmos, sua visão de um paraíso terrestre rústico: não trabalhar, mas ganhar dinheiro combatendo e lutando, que são "atividades nobres", a fim de alcançar uma existência festiva e opulenta, tendo sujeitado ao seu mando as diversas camadas sócio-econômicas de toda uma região.

VI — A HISTÓRIA DE TRÊS CHEFES DO CANGAÇO

Foram três os chefes maiores, como se explicou anteriormente, que realmente conseguiram se impor à estrutura sócio-econômica e política vigente, por um período de tempo mais ou menos largo. Sucederam-se de 1900 até 1940. Suas histórias são agora relatadas em ordem cronológica.

1) ANTÔNIO SILVINO

Nascido em 1875, em Pernambuco, seu nome verdadeiro era Manoel Baptista de Moraes. Descendia dos Moraes, dos Feitosas, dos Brilhantes, isto é, grandes parentelas cujas contendas foram célebres no Nordeste, ligando-se também à poderosa família dos Cavalcanti Ayres, da Serra do Teixeira, na Paraíba. Sua vida de aventuras teve como início a decisão, em 1896, de vingar a morte do pai. Né Baptista, como era então conhecido, e seu irmão Zeferino juntaram-se ao bando de Luiz Mansidão, cujas tropelias estavam ligadas às disputas e desforras dos Cavalcanti Ayres, e por meio do qual contavam executar sua desafronta.

Na Paraíba, pouco depois, a morte do Coronel Ildefonso Ayres, em circunstâncias misteriosas, levara seu filho, Silvino Ayres, a organizar um bando com o intuito de vingar o crime, atribuído aos inimigos da família. Enviou este um mensageiro à região de Moxotó, onde agia o bando de Luiz Mansidão, solicitando o auxílio de seus parentes e agregados. Né Baptista e Zeferino partiram então para a zona do Teixeira e ali ficaram sob as ordens do chefe, de quem Né Baptista, além do mais, era afilhado. Depois de liquidar a maior parte de seus inimigos, Silvino Ayres retornou à vida de criador de gado. Os dois irmãos regressaram a Pernambuco para prosseguir em suas vinganças, reintegrando-se no bando de Luiz Mansidão. Assassinado Mansidão por um rapazinho que punia assim a desonra de sua mãe, Né Baptista tornou-se o chefe do grupo. Adotou então o nome de Antônio Silvino, em homenagem a seu padrinho Silvino Ayres.

Segundo os documentos conhecidos, com Antônio Silvino inaugurou-se a fase das lutas contra a polícia e as autoridades locais. Capitães, tenentes, sargentos, delegados e subdelegados,

à frente de praças, perseguiram o grupo, travando com ele renhidos combates. Afastando-se pouco a pouco das lutas políticas e das vinganças familiares, Antônio Silvino delineava, com suas ações, um outro tipo de cangaceiro, cujos inimigos eram as autoridades locais e a polícia. Caracterizava-se, assim, como um "fora-da-lei" no sentido estrito do termo.

Antônio Silvino não gostava de grupos numerosos: cinco ou seis companheiros e boas armas lhe bastavam. Tinha todo o espaço das caatingas para as andanças, os combates, os sambas que compunham sua vida. Tinha duas fraquezas: diamantes e perfumes. "Lavava-se por assim dizer, em água-de-colônia estrangeira, seus cabelos estavam reluzentes de brilhantina cheirosa, trazia nos dedos grossos aros de ouro em que se encastoavam brilhantes. Suas armas eram muito bem cuidadas. Carregava sempre consigo um rifle «Winchester» de catorze tiros, um punhal de belíssimo cabo de prata trabalhada, uma pistola Browning, cartucheiras duplas recheadas de balas." Como todo bom cangaceiro, fazia longas caminhadas a pé, e dizia-se que era capaz de percorrer 18 léguas em 24 horas.

A partir de 1906, suas façanhas se orientaram para rumos mais diferentes ainda daqueles que norteavam os bandos do "cangaço submisso", mostrando que considerava cada vez mais as autoridades locais, regionais e estaduais, como seus verdadeiros inimigos. Armava tocaias para os correios sertanejos, queimando toda a correspondência, sob pretexto de que iam ali denúncias ou ordens para sua perseguição. Atacava as turmas de operários que empreendiam a construção da Estrada de Ferro Great Western, perseguindo e assassinando tanto engenheiros quanto trabalhadores, obstruindo as linhas já construídas. Parava os trens e cobrava "taxas de passagem" dos passageiros aterrorizados, alegando que a estrada atravessava terras que lhe pertenciam e pelas quais não havia sido indenizado. Saqueava coletorias, mesas-de-rendas, agências postais. Cobrava impostos de negociantes e criadores de gado. Volta e meia telegrafava irônico ao governo federal, "prestando contas" do que estava empreendendo...

Nestas atividades, percorria sem cessar o sertão de Pernambuco, passava para o Rio Grande do Norte e a Paraíba quando bem entendia, escapava para o Ceará, surrando, saqueando, fazen-

Grupo de cangaceiros (1934).

do sofrer vexames os habitantes, assassinando, fosse qual fosse a posição social dos que considerava seus inimigos. Desta forma, semeava por todo o Sertão o terror. Seus coiteiros, espalhados por toda parte, davam aviso da movimentação das tropas, premidos pelo medo, ou então levados pela admiração de seus feitos, ou ainda procurando, através dele, executar suas próprias vinganças. Bem pagos para tal, os coiteiros pertenciam a todas as faixas sociais: tanto podiam ser fazendeiros como criadores de gado ou simples moradores.

Por volta de 1910 ou 1911, Antônio Silvino conheceu Juventina Maria da Conceição (Tita), filha de um fazendeiro, por quem se apaixonou. O pai da jovem, não se sabe se de bom grado ou premido pelas circunstâncias, consentiu no casamento. Porém, Tita continuou morando com a família, visitando-a Antônio Silvino nos intervalos de suas aventuras. Como a grande maioria dos cangaceiros, Silvino não admitia mulheres em seu bando. Por esse tempo, o nomadismo começava a lhe pesar e resolveu mudar de vida. O momento parecia propicio para tal: seu prestigio era grande; os poderosos locais (comerciantes, fazendeiros, politicos) procuravam estar em paz com ele, estabelecendo alianças para preservar seus bens e sua autoridade.

Antônio Silvino passou então a interferir abertamente na politica de certos municipios do Rio Grande do Norte, onde sonhava estabelecer-se como criador de gado. Assim, por exemplo, em 1912, teve longo encontro com o chefe politico de S. Miguel de Jucurutu e com o juiz de direito de Acari, regado abundantemente com cerveja, a fim de chegarem a certas determinações para as eleições locais. Em Caicós, Antônio Silvino fez comicio em praça pública, recomendando candidaturas e... estabelecendo a cobrança de certas taxas para seu grupo. Foi nessas circunstâncias que solicitou a um padre seu amigo que intercedesse por ele junto ao governo do Estado, prometendo mudar de vida desde que suas atividades passadas fossem perdoadas e esquecidas. A resposta foi negativa.

Enfurecido, o cangaceiro retomou suas façanhas agora com mais audácia. Sorrateiro e misterioso, passava e repassava entre patrulhas, pelotões, destacamentos e tropas. A polícia, diante do pouco resultado de suas buscas, encarava-o quase como um fantasma. Reaparecia de imprevisto nas povoações matutas, apresentando-se como "procurador do governo", cobrando impostos, principalmente de criadores e negociantes, e arrecadando assim dinheiro para financiar as despesas cotidianas de seu bando. Proclamou-se "governador do Sertão", e negava qualquer legitimidade aos governos locais ou regionais. Sua ousadia chegou ao ponto de, por vezes, chamar autoridades policiais ao telefone, avisá-las do lugar onde se encontrava e telegrafar ao presidente do Estado a fim de desafiá-lo a que o capturasse.

Em 1918, finalmente, "desgraçou" a perseguição constante que lhe moveu uma vitima, o comerciante José Alvino Corrêa de Queiroz, dono de um pequeno armazém perdido no Sertão, que, assaltado, ficara reduzido à miséria. Jurando vingar-se, José Alvino ingressou na polícia de Pernambuco, no posto de sargento, e passou a seguir o cangaceiro, buscando capturá-lo. Soube um dia que Antônio Silvino estava homiziado no municipio de Taquaretin-

ga, acobertado por dois moradores locais que muito o temiam. José Alvino penetrou de supetão na habitação de um deles, que, sob pressão, denunciou o local em que Antônio Silvino e quatro ou cinco companheiros, confiantes em seus coiteiros, jogavam cartas tranqüilamente sob um juazeiro. Surpreendidos, responderam aos tiros da policia, dispersando-se pouco a pouco entre moitas e arvoredos — alguns deles muito feridos, entre os quais o próprio chefe. Antônio Silvino conseguiu arrastar-se até a casa de um apaniguado seu, Manoel Mendes, e mandou propor ao comandante da tropa sua rendição. Este, temeroso de uma emboscada, manteve-se três dias cercando a casa, sem dar resposta. No entanto, diante da insistência do sargento José Alvino, resolveu dar assalto à mesma. Lá dentro só se encontravam a familia e o ferido, este em tão mau estado que não reagiu.

José Alvino impediu que Antônio Silvino fosse sumariamente liquidado; sua vingança era outra. O cangaceiro foi levado para o Recife, onde foi processado e condenado a trinta anos de prisão em penitenciária. Antônio Silvino, cangaceiro independente, que não se submetera a nenhum chefe politico, não teve, por isso mesmo, ninguém que intercedesse por ele — nenhum poderoso local, nenhum chefe de numerosa parentela — como acontecia sempre nos casos do "cangaço submisso". Condenado, purgou pacientemente sua pena nas prisões do Recife, constantemente visitado por sua mulher Tita, que não o abandonou.

Vinte e alguns anos depois, Antônio Silvino foi agraciado com a liberdade pelo presidente Getúlio Vargas. Não quis mais permanecer no Nordeste e, com toda a familia, partiu para o Rio de Janeiro. Ali solicitou um emprego público ao presidente, alegando que tivera sua existência cortada pelo cativeiro, quando poderia ter tido uma vida normal se lhe houvessem dado condições de abandonar o cangaço. Getúlio Vargas achou graça na pretensão do ex-cangaceiro, e propôs-lhe um emprego. Antônio Silvino recusou e pediu para falar diretamente com o presidente. Nesta audiência, apresentou-lhe um requerimento (redigido por um amigo, pois era analfabeto), no qual se queixava de que o trabalho que lhe haviam dado não era digno de um homem, era tarefa para "cabra" safado e sem-vergonha... Getúlio Vargas compreendeu a reclamação e arranjou novo emprego, mais satisfatório, para o qual foi então nomeado o velho cangaceiro. Falecendo Antônio Silvino em 1944, Tita continuou morando no Rio de Janeiro até 1955, quando, com seus filhos, retornou ao Estado natal.

2) LAMPIÃO

Em 1930, quando as histórias sobre as atrocidades de Lampião chegavam ao auge, o folclorista Leonardo Motta perguntou a Antônio Silvino, então preso na penitenciária de Recife:

"— Silvino, que é que você me diz de Lampião?

— Ah, seu Doutor, Lampião é um Prinspe!

— Principe por quê?

— Veio depois de mim. Os tempos são outros. A arma estão mais

aperfeiçoada. Não falta quem lhe dê tudo. Caixeiro viajante não é besta pra esquecer de levar presente de bala pra ele (...) Não tenha dúvida: Lampião é um Prinspe!"

Para os sertanejos, que ouviam desde a infância estórias de príncipes e de princesas, relatos das façanhas dos Doze Pares de França e de Carlos Magno, de João de Calais, da Princesa Magalona, ser príncipe significava reunir riqueza, autoridade, poder e ao mesmo tempo ter uma boa estrela. Mas a fala do cangaceiro, encerrado havia doze anos na prisão, exprimia também as mudanças havidas na região, o progresso que caminhava. A abertura de estradas, a instalação do telégrafo e das ferrovias, a multiplicação de escolas e delegacias, a maior quantidade de habitantes, a maior penetração de artigos variados provenientes do litoral, eram condições novas, que criavam um contexto diferente daquele que existira no tempo de Antônio Silvino.

Acreditava-se que todas estas circunstâncias novas deviam criar um ambiente desfavorável ao cangaço. A maior rapidez de circulação, tanto das pessoas quanto das notícias, o aumento de população, o incremento do comércio, seriam provavelmente favoráveis à polícia e desfavoráveis ao cangaço. Não era o que acontecia porém. É verdade que o Sertão não era mais um deserto dividido entre diversas parentelas habitando em suas fazendas. É verdade que se multiplicavam as vilas e as feiras, às quais acorriam em maior número os caixeiros viajantes. No entanto, estes e os comerciantes a quem serviam, desejosos de resguardar ha-

veres e mercadorias, preferiam pagar um "imposto" ao Rei do Cangaço, sob a forma de armas modernas e munições, do que persegui-lo e arriscar-se a perder tudo o que tinham. Lampião se movimentava agora na caatinga com muito mais facilidade do que seus predecessores, seu raio de ação se tornara incomparavelmente maior do que o dos cangaceiros anteriores, a sua permanência também ultrapassou tudo quanto houvera antes.

A fala de Antônio Silvino indicava, pois, que o próprio desenvolvimento econômico do Sertão, cujo melhor sintoma era a proliferação dos caixeiros viajantes palmilhando as caatingas com suas mercadorias, oferecia condições para a continuidade dos cangaceiros. Negociantes e ambulantes, ansiosos por salvaguardar seus interesses, encontravam no auxilio clandestino ao grande cangaceiro a solução para a defesa e garantia de seus negócios. Na adolescência, Lampião fora almocreve, isto é, conhecera um Sertão no qual os meios de negociar, os meios de transporte e de comunicações eram as tropas de burros. Na idade adulta, vivia uma nova fase do comércio sertanejo, assegurada agora pelos viajantes dos comerciantes fortes das capitais, que se utilizavam das estradas de ferro e de rodagem para captar os fregueses habitando nas caatingas. Nova etapa de desenvolvimento econômico que, para se implantar, necessitava de segurança; e esta era "negociada" com o Rei do Cangaço.

Mas quem foi Lampião?

Seu avô, Antônio Alves Feitosa, implicado na luta de famílias entre Montes e Feitosas no Ceará, tendo morto um inimigo mais ou menos poderoso, fugira para Pernambuco com o filho José, estabelecendo-se perto da vila de Carqueijo, levando daí por diante vida pacífica de fazendeiro. Para enterrar definitivamente a lembrança do ocorrido, o jovem José, que se aborrecia com disputas e conflitos, adotou o nome Ferreira da Silva. Ao casar com Maria Lopes, comprou fazenda em Ingazeira e ali nasceram seus nove filhos. Virgulino, o terceiro, veio ao mundo entre 1898 e 1900, não havendo acordo nos documentos quanto à data precisa. Virgulino morou a princípio com sua avó, e freqüentou escola primária durante três anos. Com 12 anos, aprendeu o ofício de amansador de cavalos. Seu pai e seus irmãos mais velhos, além de criadores e lavradores, eram também almocreves, isto é, alugavam e tangiam tropas de burros para transporte de mercadorias, e o jovem Virgulino os acompanhava freqüentemente em suas viagens.

O município de Serra Talhada, onde habitavam, estivera sempre perturbado por uma querela que opunha duas parentelas, em luta pela dominação local: os Pereiras e os Carvalhos. Depois de um período de abrandamento, as disputas voltaram a se envenenar em 1916. José Ferreira tinha relações de aliança com os Pereiras. Nesse ano, o patriarca dos Pereiras, o célebre Padre Pereira, filho do Barão de Pajeú, fora morto por um Carvalho. Um dos filhos do morto, Sinhô Pereira, decidiu vingar-se e, à frente de numeroso bando de parentes e moradores, principiou a correr a caatinga em busca do assassino.

Ora, vizinho a José Ferreira, habitava o fazendeiro José Saturnino, da família Nogueira, aliada aos Carvalhos. Intensificando-se as quere-

las entre Pereiras e Carvalhos, atritos começaram a surgir entre as familias de José Ferreira e José Saturnino, por motivos fúteis, mas que desencadeavam muitas vezes pequenos tiroteios, com feridos de parte a parte. A mudança da situação politica municipal, em 1917, levou José Saturnino ao poder. Decidiu então José Ferreira abandonar o local, prevendo o envenenamento dos conflitos e querendo furtar seus filhos de maior participação neles. Instalou-se em Mata Grande, Alagoas, refúgio dos Pereiras quando no ostracismo politico, a fim de fugir das perseguições dos Carvalhos. No entanto, naquele momento, também em Alagoas os chefes politicos inimigos dos Pereiras detinham o poder, nos municipios vizinhos. Alegando a necessidade de "manutenção da ordem", uma força municipal de outro município foi à casa de engenho onde se homiziara a familia e, aproveitando a ausência dos filhos, assassinou o velho, depois de rápida troca de tiros.

Ao regressarem os irmãos, diante do quadro que encontraram, resolveram que a melhor forma de vingança seria aderirem ao bando de Sinhô Pereira que, com seu primo Luiz Padre, percorria o Sertão de Pernambuco, liquidando todos os parentes e aderentes de Carvalhos e Nogueiras. A declaração então efetuada por Virgulino ao cel. Antônio Pereira, perto do povoado de Vila Bela, em Pernambuco (transmitida por este a Optato Gueiros), foi grandemente significativa: "No dia em que eu acabar com os Nogueiras ou expulsá-los da Serra Vermelha, como eles o fizeram com meu pai, já poderei morrer, mas se antes disso uma bala doida me pegar, *vou*, mas muito aperriado e com o coração preto. Estou aguardando uma oportunidade que se me permita fazer o *serviço* uma só vez, que não me seja mais preciso voltar para completar a obra". Permaneceram então fora do cangaço os irmãos João (dos mais velhos), encarregado de olhar pelas irmãs e Ezequiel, o mais novo, ainda menino. João nunca entrou para o cangaço; Ezequiel, porém, mais tarde, ainda adolescente, evadiu-se da tutela de seu pacífico irmão e foi levar vida de aventuras sob o mando do irmão guerreiro.

Em 1922, Sinhô Pereira resolveu abandonar as tropelias pelo Sertão, tanto mais que de todos os inimigos que responsabilizava pela morte de seu pai, somente restava um. Aceitou então os conselhos do Padre Cícero, de Juazeiro do Ceará, de quem era devoto, e, seguindo o exemplo do primo Luiz Padre, retirou-se para Minas Gerais, onde comprou fazendas e se instalou como criador de gado. Antes de partir, porém, pediu a Virgulino — que se tornara seu braço direito, tão bem dotado era para aquela vida — que liquidasse o último inimigo de sua familia. Virgulino Ferreira da Silva cumpriu integralmente o pedido e assumiu, daí por diante, a direção do bando.

Já então ganhara a alcunha de Lampião, pois, de tão rápido no tiroteio, "sua espingarda nunca deixava de ter clarão, tal qual um lampião". Assassinado o último inimigo de Sinhô Pereira, como havia prometido, Lampião viu-se livre para agir por sua própria conta. Optato Gueiros, oficial de polícia que o perseguiu durante anos, assim se expressou a seu respeito: "Dobrou a cerviz de quase todos os fortes chefes sertanejos que dispunham de *cabras*, as-

sim como de quase todas as familias privilegiadas, que tinham na sua crônica *feitos de guerra* (no derramamento de sangue) à emboscada, e de frente. Muitos desses dominadores do Sertão impunham, sob pena de morte, a retirada de autoridade onde exerciam as suas funções, quando as desagradavam. A quase todos Lampião humilhou, a ponto tal que muitos fizeram com ele pactos de amizades humilhantes, ditados pelo próprio cangaceiro. Muitos houve que se faziam de inimigos do bandido e, à socapa, estavam com ele conferenciando. Caixas e mais caixas de cerveja eram fornecidas nessas ocasiões ao grupo. Até senhoras e senhoritas iam ver de perto o rei do banditismo".

Todas as aventuras de Lampião, nas várias regiões do Sertão, estiveram sempre orientadas pelos pactos que fizera com determinados coronéis. Familias de fazendeiros, de vaqueiros, de moradores, que fossem "gente" dos coronéis com quem estabelecera alianças, podiam viver sossegados, na certeza de que nada sofreriam às mãos do Rei do Cangaço. Todavia, os parentes e agregados de mandões locais que haviam recusado atendê-lo sofriam às suas mãos, mais ainda do que os chefes, porque mais desprotegidos. Suas maiores crueldades se orientaram sempre, porém, contra aqueles que, tendo com ele estabelecido algum pacto, depois o traíram. A vingança não se exercia somente contra o culpado e sim contra todos os seus próximos.

Lampião e seu irmão Antonio.

Assim, as atividades de Lampião nunca eram gratuitas. Tinham sempre uma finalidade: ou obter meios para poder prosseguir na sua vida, exigindo pagamento de "impostos" de fazendeiros e comerciantes; ou então vingar ofensas e traições que contra ele tivessem sido cometidas. É enorme hoje a documentação que se tem sobre suas façanhas; em que se torturava, saqueava e degolava tanto pobres quanto ricos, eram violentadas mocinhas, mulheres e até velhas, humilhavam-se autoridades, fazendeiros e também sitiantes, vaqueiros e moradores.

O bando era perfeitamente organizado. Dividido em patrulhas de no mínimo seis homens, dispersava-se por vários Estados do Nordeste, sem deixar, porém, a região do Sertão. Cada chefete de bando tinha o direito de escolher onde queria agir, porém devia obedecer sem discutir as ordens emanadas de chefes mais graduados. Optato Gueiros, que de perto os conheceu, conta que "quando quaisquer desses pequenos grupos se viam por demais seguidos de perto, debandavam-se (sic), tomando cada homem direção

oposta, procurando dissimular o mais possível as marcas plantares e, por fim, reuniam-se em lugar previamente determinado, muitas vezes à retaguarda, deixando a tropa (de polícia) confundida em inúteis pesquisas".

Andavam silenciosos e ocultos nos carrascais, em passinho rápido e característico, em que as alpercatas de couro faziam no chão seco o xá-xá-xá que denunciava a sua chegada. Seu raio de ação era mais ou menos de 50 léguas, por entre as noites de espinhos, pois cangaceiro não andava por estradas. Dissimulavam-se pelas caatingas, esgueiravam-se pelas casas e justificavam plenamente o que uma vez afirmara Sinhô Pereira a Optato Gueiros: "Cangaceiro é invisível, só é visto quando quer e vê todo mundo sem ser visto..." Assim eram Lampião e seu bando, de onde a fama de serem protegidos por forças ocultas, o que aumentava o terror que semeavam.

Surgia inesperadamente nos povoados — como aconteceu em Souza, na Paraíba, em 1924. O bando cortara previamente os fios do telégrafo, impossibilitando assim qualquer pedido de socorro para o exterior. Penetrando na vila, os cangaceiros pilharam as casas comerciais. Abasteceram-se em gêneros; envergaram roupas novas; organizaram um baile; gozaram os favores de algumas mulheres que não lhes resistiram. Em seguida partiram, levando com eles um menino para carregar cobertores e bagagens — menino que mais tarde se tornou o cangaceiro Lua Branca.

Para se ter uma idéia da variedade de atividades e da rapidez com que agia o bando, veja-se seu roteiro no ano de 1926, conforme narra Frederico Pernambucano de Mello:

22 de fevereiro:
Lampião atacou a fazenda Serra Vermelha, município de Vila Bela (atual Serra Talhada), matando seu proprietário, José Nogueira, e exterminando todo o gado.

04 de março:
Lampião chegou a Juazeiro do Norte, convocado pelo Padre Cícero para combater a Coluna Prestes ao lado das forças federais. Acreditou que receberia então a patente de capitão.

16 de abril:
O bando invadiu Algodões.

07 de maio:
Parte do bando, sob o comando de Sabino, invadiu Triunfo.

14 de agosto:
O bando de Lampião interrompeu as comunicações telegráficas de Vila Bela, cortando os fios e incendiando os postes.

18 de agosto:
Tiroteio de Lampião com forças pernambucanas no município de Floresta, Fazenda Favela, resultando 10 soldados mortos e 7 feridos.

26 de agosto:
Lampião atacou o povoado Tapera, no município de Floresta, matando 13 pessoas.

02 de setembro:
Lampião invadiu Cabrobó à frente de 150 homens, em perfeita formação militar, comandados a toque de corneta.

06 de setembro:
Lampião invadiu Leopoldina, fuzilou quatro residentes, saqueou o comércio, a coletoria de impostos, destruiu o telégrafo.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

1.° de outubro:
Próximo a Floresta, Lampião combateu com 126 homens a força pernambucana, pondo-a em fuga.

25 de novembro:
Lampião seqüestrou caixeiros viajantes das empresas Souza Cruz e Standard Oil, exigindo 16 contos de réis de resgate sob pena de morte.

26 de novembro:
Violento combate na localidade Morada, com tropas pernambucanas que tentavam resgatar os prisioneiros. A luta durou um dia e uma noite. Lampião, à frente de 120 homens, afugentou a tropa.

12 de dezembro:
Na localidade Juá, os cangaceiros mataram, a tiros, 127 bois do fazendeiro Joaquim Jardim, no municipio de Floresta.

14 de dezembro:
Tiroteio de Serra Grande, considerado o mais importante dos então travados por Lampião, que com 90 cabras enfrentou uma tropa de 260 soldados. A tropa perdeu cerca de 20 homens e acabou fugindo.

Durante um ano, catorze ocorrências importantes chamaram a atenção de jornais e autoridades sobre a movimentação do Rei do Cangaço; façanhas distintas, cuja seqüência era cortada por periodos de inércia em que os cangaceiros, refugiados em seus esconderijos, refaziam-se das canseiras e dos perigos, levando uma vida tranqüila, comendo, bebendo, em calma ociosidade. A primeira interrupção se deu entre maio e agosto — três meses de descanso; em seguida, praticamente dois meses, em outubro e novembro. A cada dois ou três meses de intensa atividade, seguia-se outro tanto de repouso.

Até seu encontro com Maria Bonita, não conservara Lampião mulheres no bando, a não ser esporadicamente em algumas circunstâncias, para cuidar de seus teréns. Ao que se sabe, nunca fora um sedutor; tivera apenas amores com prostitutas de povoados. Por volta de 1928 ou 1929, estando Lampião no Norte da Bahia, disse-lhe um dia um de seus cangaceiros que a filha do proprietário da Fazenda Malhada do Caiçara, no municipio de Jeremoabo, estava apaixonada por ele sem tê-lo visto e mandava-lhe recado de que viesse conhecê-la. Chamava-se Maria e vivia com um sapateiro denominado Zé de Neném. Lampião relutou, não gostava "dessas amorosas", porém, levado pela curiosidade e diante da fama da beleza da jovem, dispôs-se a encontrá-la. Existem hoje várias versões deste encontro. Todos os testemunhos, porém, concordam em que Maria Bonita declarou imediatamente sua disposição de partir com o cangaceiro e ele, subjugado por tanta decisão e formosura, consentiu.

Maria Bonita (1934)

Maria Bonita, que não tinha filhos de sua primeira união, compartilhou daí por diante a vida do cangaceiro e, segundo vários depoimentos, sua influência no bando foi em geral benéfica. Lampião cercou-a sempre de atenções e de carinho, agia como bom marido e chamava-a "Santinha". O exemplo do chefe frutificou. Outros cangaceiros passaram a se fazer acompanhar por suas mulheres, que os seguiram nas grandes caminhadas exaustivas pelas caatingas, lutando lado a lado com eles nos combates. Quebrava-se assim uma regra que até então fora geral nos bandos de cangaceiros, quer se tratasse de bandos subordinados a chefes políticos, quer se tratasse de bandos independentes como os de Antônio Silvino e Lampião: o de serem grupos exclusivamente masculinos. O próprio Antônio Silvino, ao se casar com Tita, não a levara para a sua companhia; deixara-a na fazenda do sogro onde ia visitá-la sempre que podia. A paixão de Lampião por Maria Bonita determinara assim uma modificação na composição dos bandos de cangaceiros, que depois se repetiu na breve vigência do bando de Corisco.

A ninguém era dado, no bando, ter mais do que uma mulher; e na maioria das vezes as mulheres dos cangaceiros foram esposas fiéis e devotadas. Houve porém alguns casos de traição, sempre punidos de morte. Zé Baiano, companheiro de Lampião quase desde os primeiros dias, tornou-se célebre pela mania de marcar suas iniciais a ferro em brasa no rosto das mulheres que possuía. Diz-se que se vingava assim da traição de Lídia, sua primeira mulher.

As crianças nascidas destas uniões eram entregues a gente que tivesse moradia fixa, gente estável que pudesse dar-lhes trato e apoio. A mortalidade infantil, porém, sempre foi muito elevada no Nordeste seco e poucas dessas crianças puderam sobreviver. Dos vários filhos que tiveram Lampião e Maria Bonita, somente restou uma menina, criada por seu padrinho, hoje casada, mãe e avó.

Mulher marcada com ferro em brasa por José Bahiano (1935).

Apesar de ter sempre manifestado gosto pela vida que levava, Lampião tentou abandonar o cangaço várias vezes, antes e depois de sua união com Maria Bonita. Três dessas tentativas estão bem documentadas e é possivel que tenham havido outras. Nas três ocasiões, estabeleceu-se em lugar fixo, em municipio no qual podia contar com a boa vontade das autoridades civis e eclesiásticas, dos fazendeiros, dos habitantes em geral. Subitamente, porém, algo ocorria que o impelia novamente para a vida errante. Numa dessas vezes, antes de conhecer Maria Bo-

nita, chegou a adquirir fazenda perto de Vila Bela (Pernambuco) e é interessante historiar mais de perto o que então sucedeu.

Encontrava-se Lampião em sua fazenda, tentandoprovar que havia abandonado a vida de aventuras, quando, de Juazeiro do Ceará, mandou-lhe um apelo o Padre Cicero Romão Baptista (o famoso Padroeiro do Nordeste) a fim de que o viesse auxiliar na expulsão da Coluna Prestes. que havia penetrado na região. Como todo bom sertanejo, Lampião reverenciava muito "Meu Padim Pe. Cicero", abstinha-se de pilhar as moradas em que sua imagem estivesse entronizada e respeitava em suas andanças todo o Estado do Ceará, sobre o qual reinava o sacerdote. Por isso, acorreu logo ao chamado.

Foi recebido com sinos repicando, foguetório, festas, e, ao pedido de auxilio do Padrinho, replicou com a exigência que achava natural e justa: que o Presidente da República oficializasse sua missão, dando-lhe o posto de capitão do Exército brasileiro, armas e cartuchos para cada um de seus homens (que eram então 300) e fardamento novo, pois seus homens também se incorporariam às forças militares. Padre Cicero concordou plenamente. Mandou chamar a maior autoridade federal da cidade — um inspetor do Ministério da Agricultura — ordenando-lhe que redigisse o documento competente. Assim foi feito. Armado e municiado, Lampião, transformado em capitão legalista, deixou a cidade com sua tropa, indo em busca da Coluna Prestes, a fim de dominá-la. Estava muito satisfeito com o rumo que tomavam as coisas. Era já fazendeiro em Pernambuco e, terminada a tarefa de que fora incumbido, levaria em suas terras vida nova, como capitão do Exército.

Ao marchar contra a Coluna, Lampião pernoitou na fazenda de um coronel seu amigo. Gabou-se então do posto a que fora alçado, do ofício com sua nomeação, da vida nova que assim iniciava. O coronel, porém, tomando conhecimento do documento, declarou-lhe que seu valor era nulo. O inspetor do Ministério da Agricultura, que o assinara, não tinha poder nenhum para nomeá-lo para nada, muito menos para o Exército, não tendo aquele papel nenhum significado de anistia para suas façanhas, nem valendo como uma elevação a capitão. Desapontadissimo com o logro, Lampião decidiu abandonar a perseguição da Coluna Prestes, uma vez que nada lucraria com isso. Regressou à sua fazenda de Vila Bela, e passou a exigir que o tratassem sempre de Capitão. Assinava todos os seus documentos como Capitão Virgulino Ferreira da Silva. Pouco a pouco foi retornando às suas atividades de cangaceiro, desistindo de mudar de vida.

Lampião voltou a manter seu ritmo habitual, entremeado de periodos de atividade e de periodos de calma. Muitas vezes, para estas "férias", recolhia-se ao Ceará, onde tinha certeza de permanecer tranqüilo. Em 1928, a perseguição que lhe moveu a polícia de Pernambuco foi tão intensa que, para escapar, novamente se valeu do recurso de dispersar o bando, meio eficaz de que sempre lançava mão para desnortear o inimigo. Já nessa época havia aberto mão da fazenda que comprara no município de Vila Bela. À frente apenas de um pequeno grupo, embrenhou-se pelas caatingas. Não tendo sido feliz num encontro com a polícia pernambucana, ferido e desanimado, bus-

cou refúgio desta vez no norte da Bahia, decidido novamente a abandonar o cangaço.

Recebido pelo mais rico fazendeiro da região, o Coronel Petronilho de Alcântara Reis, do município de Santo Antônio da Glória, fazendo amizade com o Coronel João Sá, do município de Jeremoabo, e com o Coronel João Maria de Carvalho, do município de Serra Negra, municípios estes vizinhos, julgava Lampião ter alcançado agora, plenamente, a ambição de se tornar fazendeiro. Foi neste período de calmaria, vivendo na região como qualquer cidadão, que conheceu Maria Bonita e com ela se uniu. Vários incidentes porém o indispuseram com o Coronel Petronilho; a polícia estava constantemente a ameaçá-lo e Lampião acabou voltando às antigas práticas, por volta de 1930.

A última fase de sua vida, a partir de 1936, passou Lampião na fazenda de outro amigo, o Coronel Antônio Carvalho, na localidade de Angico, Estado de Sergipe. Ali permanecia sediado com Maria Bonita, mais uns oito companheiros e suas respectivas mulheres. O restante do bando, dividido sempre em pequenos grupos, sob o comando de lugares-tenentes seus, como Corisco, Labareda e outros, continuavam os ataques em diversas zonas, em nome de seu chefe. Levados a efeito quase ao mesmo tempo, sempre com a declaração de que Lampião em pessoa os chefiava, desorientavam a polícia, reforçando a crença de que o Rei do Cangaço era protegido por poderes sobrenaturais. Depois os diversos grupos iam até o Angico, dar conta do sucedido, ao chefe.

Lampião e Maria Bonita

Data desse período a acusação efetuada contra Lampião, de explorar seus chefes de grupos comerciando com eles armas e munições que negociantes e caixeiros encaminhavam para o seu bivaque. Segundo Optato Gueiros, "na proporção em que estava sendo gasta a munição e revendida por ele, ganhando cento por cento, seria o bastante para Lampião enricar (sic) acumulando milhões". Este teria sido um comportamento constante do grande cangaceiro, para fazer face às muitas despesas de sua vida. Se Lampião explorava os chefes dos grupos, seus subordinados, era por sua vez explorado pelos comerciantes e coiteiros, que lhe vendiam a bom preço as munições indispensáveis. Muitos destes, recebendo o polpudo dinheiro das compras, fugiam imediatamente, quase sempre para S. Paulo. Indivíduos que mascateavam pelo Sertão alcançaram assim grandes fortunas. O apoio dado ao Rei do Cangaço provinha, muitas vezes, destes ambiciosos que encontravam na colaboração com os cangaceiros uma via certa de ascensão econômica. Tais negociatas se teriam ampliado muito durante o período em que Lampião viveu em Angico.

Muito bem instalado em seu refúgio, o grande cangaceiro somente se afastava quando surgia uma incursão que lhe parecia grandemente proveitosa, regressando em seguida ao seu abrigo. Ali vinham ter constantemente coronéis e chefes locais, para se divertir na jogatina, comendo e bebendo do melhor. Foi ali também que o surpreendeu a traição que lhe roubou a vida: um comerciante com quem habitualmente negociava, capturado pela polícia, não apenas revelou o esconderijo, mas também guiou a tropa até lá. Chegando de supetão, travou intensa fuzilaria com os cangaceiros surpreendidos, que não tiveram possibilidade de defesa: perderam a vida. Esta seria uma das várias versões do sucedido e a que parece mais plausível.

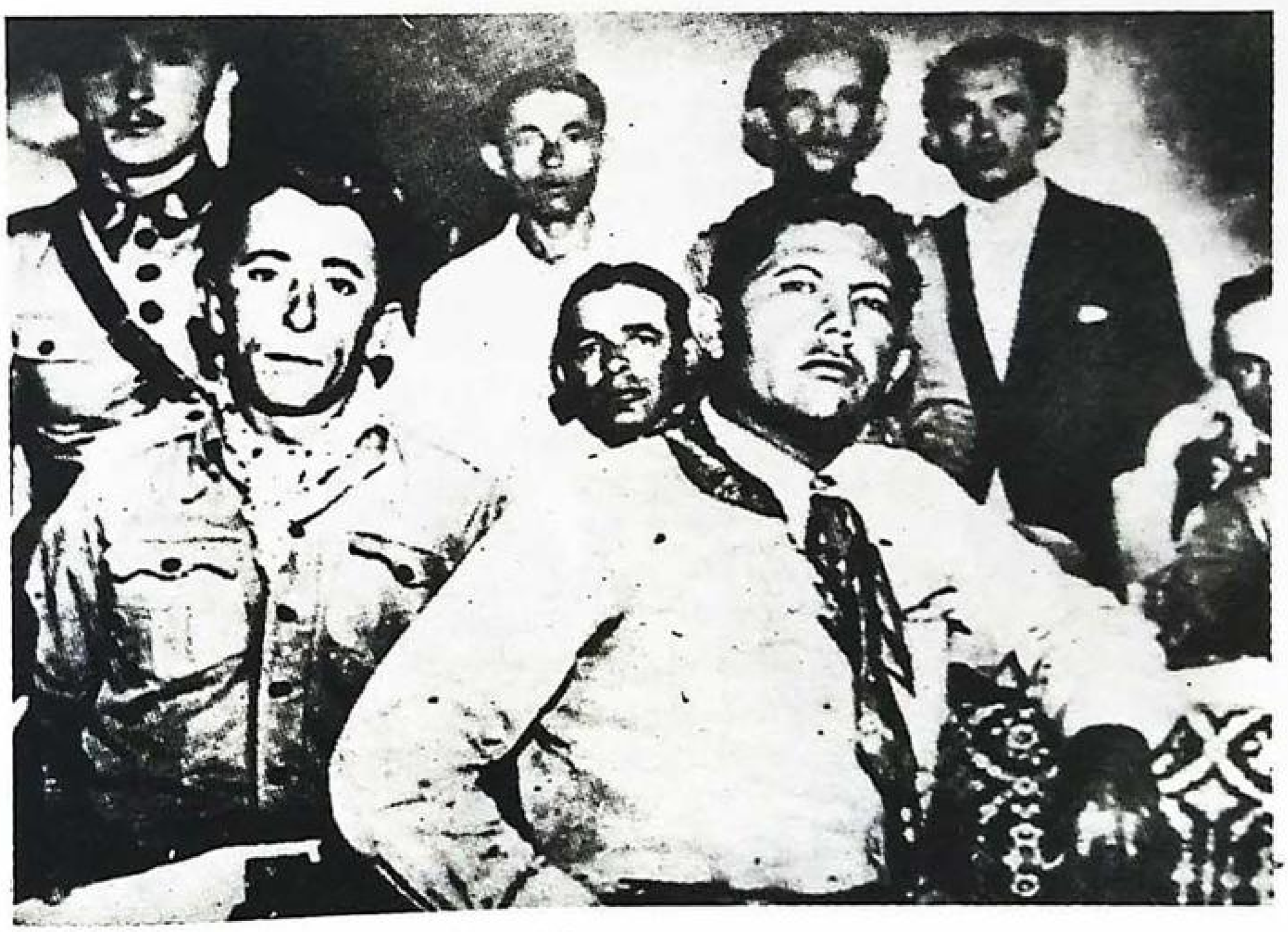
A selvageria com que agiram então os soldados da polícia e seus comandantes foi proporcional às crueldades que habitualmente o grupo praticava nos povoados. Os cadáveres dos onze componentes do bando, inclusive o de duas mulheres, Maria Bonita e Enedina, foram decapitados, os corpos atirados num riacho seco. As cabeças, colocadas em latas de querosene, cheias de sal grosso para serem conservadas, ficaram expostas nos degraus da igreja matriz de Santana do Ipanema, para onde acorreu gente de todas as bandas a contemplá-las. A notícia de que o invencível Lampião fora morto, se espalhou com enorme rapidez. Muitos não acreditaram, pois Lampião era curado de cobra, de corpo fechado para bala e punhal, tendo feito parte tanto com Deus quanto com o Diabo... Foram, portanto, verificar se era dele realmente a cabeça que ali jazia.

De Santana, as cabeças foram conduzidas a Maceió, onde também permaneceram em exposição e finalmente levadas para Salvador, onde mumificadas, integraram o acervo do Museu Nina Rodrigues, pertencente ao

As cabeças de 11 cangaceiros mortos em Angico

Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia. Durante longos anos, em bocais, no Museu, as cabeças de Lampião, de Maria Bonita e de seus companheiros, serviam para mostrar ao povo — afirmavam as autoridades — um caminho que não deveria ser seguido: o do cangaço. Trinta anos mais tarde, a filha e os netos do grande cangaceiro conseguiram autorização para a inumação dos restos mortais de todos.

Uma vez desbaratado o núcleo central do bando, as autoridades mandaram proclamar por toda parte, no Sertão, que os remanescentes teriam a vida salva, se entregassem as armas e se rendessem. Existiam ainda grupos comandados por subchefes, que foram se entregando praticamente todos, com exceção dos subordinados de Corisco. Processados e condenados, cumpriram pena na cadeia, denotando sempre calma e compostura nestas circunstâncias tão diferentes de sua vida habitual. Mais tarde, libertados, desempenharam vários ofícios: Bananeira foi funcionário municipal em Salvador; Volta Seca, empregado na Leopoldina, Rio de Janeiro; Labareda, porteiro do Conselho Penitenciário na Bahia; Vinte e Cinco, amanuense do Tribunal Eleitoral, em Alagoas; Criança, abastado fazendeiro no Sul do País e assim por diante. Dentre eles, coube a Saracura uma função especial — a de guarda do próprio Museu Nina Rodrigues. Ali cuidava das relíquias do seu tempo de aventuras, espanava os bocais em que jaziam as cabeças do chefe e dos companheiros, convicto de que estava ao mesmo tempo prestando inestimável serviço na conservação da memória do cangaço e servindo ainda, com respeito e carinho, ao seu chefe e aos companheiros.



O cabo Bezerra e o sub-tenente Ferreira de Melo, autores do massacre de 1938.

3) CORISCO

Dos três grandes chefes, foi Corisco o menos conhecido, ou melhor, aquele que, tendo sido menos estudado, aparentemente reuniu a seu respeito menor documentação. Sua mulher Dadá continua viva. Há anos, residia em Jeremoabo, mas recusava-se terminantemente a dar entrevistas e a historiar aquele período de sua vida. Mais tarde, prestou alguns depoimentos, contribuindo para que se conhecesse melhor a figura do marido.

Dizem que Corisco, alto, um pouco corpulento, fisicamente se destacava dos demais por ser louro e de olhos azuis, de onde também seu apelido de Diabo Louro. Seu nome era Cristiano Gomes da Silva Cleto. Era neto de um grande fazendeiro de Alagoas que, todos os anos, partia em peregrinação até Juazeiro do Ceará, para pedir a bênção ao Pe. Cicero. Compunha então uma grande caravana com membros de sua família, agregados, servidores e, ao som de uma banda de música, percorria a longa distância até a cidade do Padrinho. Os homens iam a cavalo, mulheres e crianças em carros de boi, os servidores e os músicos a pé.

Corisco, o "diabo louro" (1935).

Pouco se sabe da vida de Corisco até sua entrada para o bando de Lampião. Teria nascido na Bahia, em Santo Antônio da Glória, porém, ao que se conta, fugira de casa, rapazinho, por ter sido violentamente surrado pela mãe. Depois de várias peripécias, engajando-se inclusive num batalhão do Exército, em Aracaju, aderira à revolta do Tenente Maynard. Dominada a rebelião, Corisco foi um dos que desertaram, iniciando uma vida de fugas. Um dia, na zona do Monteiro, Estado da Paraiba, foi esbofeteado, revidou, houve luta, matou o agressor. Desertor primeiro e, agora, criminoso, buscou o bando de Lampião, no qual se integrou, ao que se sabe por volta de 1926. Corisco foi um dos companheiros prediletos de Lampião, que via nele seu provável sucessor. Além de seus predicados de grande coragem, de incomum resistência física, de competência no manejo das armas, também sabia comandar.

O Diabo Louro encontrou um dia, em 1928, Sérgia Maria Ribeiro da Silva, conhecida por Dadá, filha de um fazendeiro do povoado de Macureré, no mesmo municipio de Glória e, apaixonado, raptou-a; tinha ela 13 anos. Iniciou-se assim um segundo romance de amor no cangaço, que, em fidelidade e ternu-

ra, emparelhou-se com o de Lampião e Maria Bonita. Esta união, porém, foi sacramentada pela igreja. Corisco e Dadá casaram-se em Porto da Folha, Sergipe, circunstância de que muito se orgulhava a jovem, costumando afirmar que somente ela era mulher de cangaceiro, as outras todas não passando de companheiras...

Dadá viveu doze anos no cangaço, ao lado de Corisco, que foi o seu mestre, ensinando-lhe tudo quanto sabia: a lutar, a se defender, a manejar armas de fogo e até mesmo a ler, a escrever, a contar. Muito bem dotada para a costura, muito habilidosa, entretinha-se nas horas de calma em bordar os bornais, as cartucheiras, em ornamentar chapéus e vestes dos cangaceiros, inventando indumentárias femininas correspondentes. Teve sete filhos de sua união com Corisco, dos quais sobreviveram três, um rapaz e duas meninas. Todos foram dados a criar a famílias que pudessem garantir-lhes a sobrevivência na tranqüilidade, sendo que o rapaz foi entregue ao Padre Bulhões, em Santana do Ipanema, com um recado escrito de Corisco, pedindo que fizesse dele um doutor... Esse rapaz tornou-se, mais tarde, deputado federal por Alagoas.

A partir de 1932, o bando de Lampião cindiu-se em três grupos, assim permanecendo até 1936: um comandado pelo próprio Lampião; o outro, por Corisco e o terceiro por Virgínio, o "Moderno", cunhado de Lampião, viúvo de sua irmã Angélica. Assim divididos, atacavam ao mesmo tempo localidades muito distantes. Enquanto um grupo invadia Canindé, em Sergipe, outro atacava Bonfim ou Pombal, na Bahia, e o terceiro chegava de surpresa a Pão de Açúcar, em Alagoas. Estes ataques simultâneos desorientavam a polícia. Em seguida, reuniam-se os três grupos num ponto previamente convencionado, para relatar o que fora feito. Atraindo as forças da polícia para a Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraiba, afastavam-nas do refúgio central do bando, em Sergipe, onde eram mantidos somente uns oito cabras de confiança e onde permaneciam as mulheres.

Em 1937, a partilha dos resultados de um saque, segundo alguns, o assassinato, por Corisco, de um coronel amigo de Lampião, segundo outros, determinou o afastamento do Diabo Louro do bando. Começou a agir por conta própria. Muito ativo, multiplicou suas façanhas, aterrorizando a população das caatingas de Alagoas e Pernambuco. Por isso, não se encontrava em Angico em 1938, quando sucumbiram Lampião, Maria Bonita e alguns cangaceiros que os defendiam. A morte de seu chefe abalou muito Corisco, reavi-

Lampião e Maria Bonita (1934).

vando toda a amizade e lealdade que os unira. Enfurecido, jurou matar o delator e, como a tropa assassina fosse comandada pelo Tenente Bezerra, passou a caçar todos aqueles que tivessem "Bezerra" no nome, ou que tivessem qualquer ligação com o matador de Virgulino.

Sabedor de que o barqueiro Domingos, tido e havido por amigo fiel de Lampião, fora um dos delatores, partiu com seus cabras em seu encalço. Encontrou-o em seu casebre, lançando-se a uma verdadeira chacina. Apunhalou Domingos, a mulher, dois filhos rapazes, uma moça, e só não matou mais duas jovens que restavam, porque Dadá se interpôs condoída. Cortou a cabeça aos mortos, colocou-as num saco e enviou-as ao prefeito da cidade de Piranhas, em Alagoas, com um bilhete: "Se o negócio é de cabeças, vou mandar em quantidade..." Mais tarde, Pedro Cândido, que se supunha também um dos delatores, foi encontrado morto, cozido a facadas, na entrada de Piranhas, não se chegando a descobrir quem seria o autor do crime, porém recaindo também as suspeitas em Corisco e seu bando.

Era o momento em que os governadores nordestinos faziam proclamar por toda parte que teria vida salva quem, dentre os cangaceiros de Lampião, depusesse as armas. Quem não quisesse se entregar, que partisse para muito longe, com a garantia de que não haveria perseguições. Corisco e Dadá, diante das deserções que aumentavam, vendo antigos companheiros, ou partindo para outras paragens, ou se entregando, ou sendo capturados, discutiam entre si o que convinha mais fazer. Hesitavam em abandonar o Sertão e o cangaço e nessa incerteza mantinham-se em luta constante contra as volantes, que, animadas pela vitória de Angico, prosseguiam ferozes no encalço do grupo.

Foram um dia atacados de surpresa pelo capitão Zé Rufino, um dos mais tenazes perseguidores dos cangaceiros. No tiroteio cerrado, caíram feridos o Diabo Louro e Dadá. Zé Rufino tentou transportá-los ainda com vida para a cidade, porém Corisco morreu no início da viagem e somente sua cabeça — como a de Lampião — chegou ao destino, juntamente com Dadá. Esta, gravemente ferida numa perna, teve de se sujeitar à amputação acima do joelho, mas recuperou-se. Processada em Jeremoabo, foi impronunciada. Casando-se pela segunda vez mais tarde, sem ter filhos, passou a viver uma pacata existência de mãe de família, com os filhos que tivera de Corisco, assim se mantendo até hoje, com seus 67 anos.

A morte de Corisco, a 5 de maio de 1940, marca o fim do cangaço independente. Um antigo cangaceiro de Lampião costumava dizer, muitos anos depois, que "a vontade de organizar cangaços foi arrefecendo, até que terminou por completo". O Diabo Louro foi o último dos grandes cangaceiros independentes.

Virginio e Enedina.

VII — OS CANGACEIROS INDEPENDENTES: CONSIDERAÇÕES

Por que, no Sertão do Nordeste, entre 1900 e 1940, formaram-se bandos de cangaceiros independentes, vivendo de assaltos e de aventura, em luta constante com a polícia, sem a proteção explícita de chefes políticos locais e, muito pelo contrário, solicitados por estes para que, por meio de pactos e alianças, os poupassem, às suas famílias, aos seus bens? Por que um homem como Lampião podia escrever bilhetes aos chefes locais, exigindo dinheiro, no que era prontamente obedecido? Por que pôde ele contar, em Pernambuco, no Ceará, na Bahia, em Sergipe, com eficiente rede de coiteiros, de alto nível? O historiador Frederico Pernambucano de Mello cita vários coronéis da Bahia que foram coiteiros, como o Coronel Antônio Carvalho, fazendeiro no município de Canhoba, Sergipe, assim como seu filho, o capitão-médico do Exército, Eronildes de Carvalho, fazendeiro no município de Gararu, que, com a Revolução de 1930, foi elevado a interventor federal do Estado.

Tais questões só podem ser respondidas lembrando-se que os acontecimentos sociais não devem ser atribuídos a um conjunto único de fatores, porém que conjuntos de várias espécies tornam-se responsáveis por eles, num momento dado. Duas espécies de fatores explicariam o aparecimento dos bandos de cangaceiros independentes, assim como sua permanência nos primeiros 40 anos do século XX, quando até então duravam de um a dois anos, ou melhor, o espaço de tempo de uma seca, de uma calamidade pública, desaparecendo em seguida. A primeira espécie é a dos fatores estruturais, que formam o arcabouço nos quais se inscrevem todos os acontecimentos sociais e também os fatores da segunda espécie, os fatores conjunturais.

1) FATORES ESTRUTURAIS

No Nordeste seco, o primeiro conglomerado de fatores estruturais dizia respeito à disposição e relacionamento de grupos de indivíduos no interior da sociedade sertaneja. Como se viu, todo o Sertão estava retalhado entre influências de numerosos troncos de parentelas, ora aliados, ora inimigos, vivendo em povoamento disperso (cada

fazendeiro habitando em suas terras) e, segundo o escritor cearense Gustavo Barroso, "só pensando no vizinho para desprezá-lo". As questões entre vizinhos abundavam, por motivos os mais diversos: brigas por posse de gado e de terras; ambição de dominar politicamente um povoado ou uma região; recusas de casamento; crimes "contra a honra masculina", etc. Estes grandes troncos de parentelas encerravam em seu interior desde o fazendeiro abastado até o humilde morador, passando pelo vaqueiro, ligados ao chefe por parentesco de sangue muitas vezes, ou então por laços de compadrio, ou por sentimentos de gratidão. As barreiras entre os grupos sertanejos não eram horizontais, separando uma camada sócio-econômica de outra; eram verticais, afastando um grande tronco de parentela de outro tronco semelhante. No interior de cada grande tronco, as camadas sócio-econômicas estavam interligadas pela solidariedade do parentesco, pela afetividade das relações diretas e pessoalizadas. Dentro desta estrutura, o cangaço independente podia agir como o fiel da balança na luta entre duas grandes parentelas — e muitas vezes foi esse o seu papel.

Na sociedade sertaneja, a divisão profissional e as especializações de oficios eram de pequena monta. Criação de gado, agricultura de abastecimento, artesanato, funcionalismo público, constituíam as maiores fontes de empregos, o que mostra a limitação dos mesmos quanto às possibilidades de seu crescimento em quantidade. Tratava-se ainda de um conjunto de fatores estruturais de ordem econômica, que se caracterizava pela sua simplicidade rudimentar. A pequena quantidade de empregos possíveis, o ganho insuficiente com a agricultura, haviam levado grande quantidade de roceiros e moradores a estabelecer um complemento sazonal para seus trabalhos, que trouxesse algum desafogo à sua pobre economia. Partiam para o Agreste e para a Zona da Mata, nas épocas de colheita, principalmente de colheita de cana, formando os conhecidos grupos de "corumbas", que se engajavam em troca de comida e de um pequeno salário, fielmente trazido depois à família.

Finalmente, havia outros fatores estruturais, compondo todo o aparato politico-administrativo que se fora implantando e crescendo no Sertão, como algo alienígena, pois era emanação do Governo Central: organização política (divisão em municípios, formação de câmaras de vereadores, eleições para estes cargos e para o de prefeito); organização judicial (divisão em comarcas, nomeação de juízes); organização policial (nomeação de delegados, apoiados em destacamentos de soldados); e a indispensável organização burocrática (escrivães, funcionários variados). Esta aparelhagem, exterior à sociedade sertaneja, imposta de fora, a princípio só pôde funcionar apoiada nos grandes troncos de parentelas. Foi tendendo porém a separar-se deles, a adquirir autonomia e o conflito surdo que existia entre o aparato político-burocrático e os coronéis (estes lutando sempre por dominá-lo e colocá-lo a seu serviço, com resistências inesperadas) constituiu um outro elemento positivo para o surgimento do cangaço.

No entanto, estas três espécies de fatores estruturais existiram no Sertão desde que ali começou a funcionar a sociedade de criadores de gado e ainda perduram nos dias de hoje. O canga-

ço independente, porém, foi atuante somente durante um espaço de tempo limitado, embora continuo: de 1900 a 1940. Os fatores estruturais são, pois, insuficientes para explicar o aparecimento e o fim do cangaço independente. Torna-se necessário apelar para a segunda espécie de fatores a fim de tentar uma interpretação: os fatores conjunturais, isto é, fatores específicos de um momento preciso da história de uma sociedade ou de uma região.

2) FATORES CONJUNTURAIS

Tributário da Zona da Mata e do Agreste, sofreu sempre o Sertão os contragolpes das vicissitudes por que passavam as plantações de cana e de algodão, as quais, por sua vez, dependiam do mercado exterior em que tais produtos eram vendidos e da concorrência de outros países, rivais do Brasil nesse particular. O fim do século XIX foi especialmente desastroso para o algodão e para a cana. Terminada a Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861 — 1865), que desorganizara toda a produção algodoeira norte-americana, entrou de novo este país no mercado, fazendo cair o preço dos produtos.

Mais ou menos por essa época, tinha lugar também a modernização da produção de açúcar no Nordeste, com a transformação dos engenhos banguês em engenhos centrais, em seguida em usinas, determinando a ruína de inúmeras famílias que não puderam arcar com o ônus dela decorrente. Manuel Corrêa de Andrade, geógrafo e historiador, relatou num de seus trabalhos como famílias ricas empobreceram, como famílias arranjadas ficaram na miséria, como milhares de trabalhadores perderam seus empregos, como baixaram terrivelmente os salários. Escassearam, portanto, as tarefas sazonais em que se ocupavam corumbas e caatingueiros, os quais ficaram reduzidas às magras ocupações oferecidas somente pelo Sertão. A crise do açúcar e do algodão melhorou um pouco durante a Primeira Grande Guerra (1914 — 1918). O ano de 1923 porém marcou nova crise, mais aguda ainda, levando ao fechamento muitos engenhos e muitas usinas.

Nestes períodos, os fazendeiros da Zona da Mata e do Agreste alugavam parte de suas terras, para roça, a foreiros e parceiros, sendo pagos com uma parte da colheita. Desta forma, não somente os habitantes do Sertão perdiam a possibilidade de trabalho temporário nessas lavouras, pois foreiros e parceiros trabalhavam com mão-de-obra familiar, como também perdiam mercado para seus produtos de roça. Nos períodos de alta do açúcar e do algodão, foreiros e parceiros também cultivavam estes dois produtos, tendo então necessidade de comprar de outrem os mantimentos para sobrevivência. Nos períodos de baixa de preço e de crise, faziam suas lavouras para sobrevivência e para venda, decorrendo daí abundância de víveres nas feiras, e o Sertão não tinha possibilidade de escoamento para os excedentes que produzia. Menor produção, menor ganho, rebaixamento do nível econômico, maior tempo livre para aventuras e conflitos, era o resultado, para o Sertão, da crise da cana e do algodão que

se estendeu por todo o começo do século XX.

No periodo de 1870 a 1900, uma nova região brasileira se abriu para a utilização dos sertanejos, que eram cada vez mais numerosos. Como já se viu, a melhoria das condições sanitárias locais havia contribuído para acelerar o ritmo do crescimento populacional. A região era a Amazônia, com a extração da borracha. Forte corrente migratória nordestina se dirigiu para lá, buscando o enriquecimento no novo Eldorado. O sonho, porém, foi de curta duração. Em 1912, a produção de borracha declinou, de maneira tão acelerada que, segundo o historiador Caio Prado Jr., já em 1919 a produção brasileira de borracha se tornara insignificante. Desapareciam também ali as possibilidades de trabalho para os sertanejos.*

Note-se a coincidência no tempo entre a grande redução do mercado de trabalho, para os sertanejos, o rebaixamento geral do nível de vida no Sertão devido às condições econômicas vigentes e o aparecimento dos bandos de cangaceiros independentes, que não escondiam sua aspiração a uma vida de aventuras, porém que os levasse, em determinado momento, a uma instalação definitiva como fazendeiros, isto é, em que vislumbrassem a possibilidade de se tornarem pequenos coronéis... Noutras palavras, a partir de fins do século XIX, as crises econômicas do Nordeste, como região, coexistiram com um surto demográfico: maior quantidade de gente atingia a idade de trabalhar, quando as conjunturas econômicas lhes trancavam as possibilidades de ter o suficiente para viver, determinando um abaixamento geral do nível de existência.

Documentos e memórias da época estão cheios de referências à decadência e à ruína de grandes e médios fazendeiros nesse período. Basta folhear, por exemplo, os livros de Ulysses Lins de Albuquerque para se ter uma idéia do que acontecia. Se tal ocorria com fazendeiros mais abastados, o que não se dirá de sitiantes, roceiros, vaqueiros e todos os ofícios ligados à vida rural? O cangaço constituiu, nestas condições, uma alternativa. Não era sem razão que Lampião dizia a Optato Gueiros que ser cangaceiro "era um meio de vida". Em 1926, indagado por que não abandonava o cangaço, respondera durante uma entrevista ao jornal "O Ceará": "Se o Senhor estiver em um negócio e for se dando bem com ele, pensará porventura em abandoná-lo?". Replicaria o jornalista que certamente não. Ao que exclamou o Rei do Cangaço: "Pois é exatamente o meu caso; porque vou me dando bem com este negócio, ainda não pensei em abandoná-lo".

3) MERCADO DE TRABALHO

Diante dos inconvenientes do cangaço para a população — assaltos, assassinatos, desordens de todo tipo, principalmente para produtores e negociantes — a polícia tendeu a aumentar cada vez mais seus efetivos. Foram criadas as volantes. Eram novas possibilidades de emprego que surgiam pa-

*Ver Peregalli, Enrique "Como o Brasil ficou assim?" — História Popular nº 9 — São Paulo — Global Editora — 1982 (N.E.).

ra os sertanejos, além do cangaço... Não é de admirar que se afirmasse só haver dois caminhos para se conseguir viver confortavelmente então: o ingresso nas fileiras da polícia, ou a entrada para o cangaço... "Hoje em dia a vida só é boa pra soldado e pra bandido", afirmara um dia Lampião, conforme registrou Ranulpho Prata. Mais claras ainda foram as declarações de Lua Branca ao escritor Rodrigues de Carvalho, ao descrever a vida no cangaço: "... é ispiciá! Na gandaia a gente tem de tudo, num farta nada! Tem dinheiro nu borso, rôpa boa e muita coisa mais que nunca se pensô vê nem in sonho..."

Cangaço e polícia constituiam, pois, nessa época, as alternativas possíveis de emprego para grande parte da população sertaneja, em seus vários níveis sócio-econômicos. A ascensão de um Optato Gueiros, de um Zé Rufino e de tantos outros no interior das hostes da polícia, tem seu paralelismo no prestígio e poder regionais alcançados por um Antônio Silvino, por um Lampião, por um Corisco. Cangaço e polícia eram, assim, as vias de acesso a posições econômicas e de poder, a um nível de vida que a estagnação reinante no Sertão negava à maioria dos habitantes. Na polícia e no cangaço, os mais ricos alcançavam logo de início posições melhores, porém a ascensão não estava vedada aos de origem humilde.

Se do ponto de vista utilitário estas duas "carreiras" pareciam se equivaler aos olhos dos sertanejos, do ponto de vista racional elas se orientavam segundo dois padrões especificos, um deles pertencente à vida prática e à sociedade ambiente, o outro se configurando essencialmente como um padrão ideal. O primeiro padrão, o padrão concreto, se consubstanciava na figura do chefe local, do coronel, ponto culminante da hierarquia sócio-econômica sertaneja, chefe de numerosa parentela e clientela, cercado de seus homens, constantemente em luta para defender a continuidade de sua dominação local ou regional. Era rico e poderoso. Idealmente, a visão do mundo da população se formara embalada pelas histórias dos combates de Carlos Magno e dos 12 Pares de França, da Princesa Magalona, de João de Calais, de Roberto do Diabo — isto é, por romances de cavalaria que os colonos portugueses haviam trazido consigo e que se tornaram muito populares por todo o interior do Brasil... Na melhoria de vida desejada, a realidade mostrava qual o ponto mais elevado da sociedade sertaneja, como se desenrolava a existência dos que nesse ponto se colocavam. Estas altas aspirações encontravam também no ideário sertanejo todo um conjunto de imagens de fantasia, inspiradoras e ao mesmo tempo justificadoras.

Nesse ponto não divergiam entre si os cangaceiros e os integrantes das volantes, pois estes últimos também perseguiam melhoria de vida e ascensão sócio-econômica. Orientavam-se igualmente pelas peripécias cavalheirescas medievais quando saiam a perseguir incessantemente os cangaceiros nas extensões do Sertão. O universo mental e intelectual de ambos era idêntico. Em termos de esperança, de miragem que guia e inspira as atividades humanas, cangaço e volantes se irmanavam. Um ou outro dos dois rumos que era possivel tomar, constituiam, na verdade, aos olhos de todos os sertanejos, as portas para a celebridade, para a fama, expressando-se mate-

rialmente em posições de destaque, em notícias de jornais, em ganhos palpáveis.

4) O FIM

Se a falta de oportunidade de trabalho nas caatingas e fora delas pode explicar por que surgiram bandos independentes no inicio do século XX, perdurando por muitos anos, e igualmente por que se formaram as volantes, que eram tropas de polícia especialmente destinadas ao combate do cangaço, a mesma razão permite compreender por que, a partir de 1940, desapareceu inteiramente o cangaço independente, anulando também a necessidade de volantes que lhe dessem combate. A industrialização, que a Segunda Grande Guerra acelerou no Sul do País; a abertura e expansão de novas frentes agrícolas e novos centros urbanos no Norte do Paraná; a impossibilidade de retomar a importação de mão-de-obra estrangeira, a que sempre se tinha recorrido desde o século XIX (européia, asiática ou outra), constituíram novos fatores conjunturais exteriores ao Sertão, que agiram poderosamente sobre ele. A miragem dos altos salários e do enriquecimento nas regiões sulinas do País, onde se acreditava imperar a abastança, fez com que levas e levas de sertanejos se aventurassem pelas estradas, em busca de melhoria de vida em outra região. A partir de fins da década de 30, a migração nordestina para o Sul do País não mais se estancou; pelo contrário, conheceu sempre acelerações.

O cangaço independente, fruto de prolongada crise de mercado de trabalho para os braços do Sertão, porém crise que se localizava fora dele, deixou de ser realidade e não teve mais condições de existir, quando novas possibilidades de emprego, de melhoria de vida, de enriquecimento foram surgindo em outras regiões do País, e atraindo os mais ambiciosos, os mais inquietos, os mais carentes. Embora permanecessem como constantes no Nordeste seco a estrutura sócio-política coronelista, as rivalidades e lutas entre parentelas, a seca, a falta de instrução, a religiosidade popular, o fenômeno constituído por bandos aventureiros, como os de Antônio Silvino, Lampião, Corisco, não encontrou mais condições econômicas para se desenvolver, sequer sob a forma de tentativa. O Sertão se revelava assim parte integrante de conjuntos sócio-econômicos maiores: a sociedade nordestina, a sociedade brasileira, das quais era também dependente devido à sua própria estrutura sócio-econômica interna. Quando crises abalavam os dois conjuntos maiores, suas repercussões eram sentidas no Sertão, determinando ali o aparecimento de ocorrências específicas que não surgiam em outras ocasiões nem da mesma forma, nem com a mesma intensidade.

VIII — A FORMAÇÃO DO MITO DO CANGAÇO

Quem foram realmente os cangaceiros? Simples bandidos? Bandidos defensores dos pobres, que roubavam os ricos para dividir com os necessitados? Hoje em dia, quando a jovem geração urbana fala do cangaço, tende a interpretá-lo como a formação de grupos de indivíduos, no Nordeste seco, que, semiconscientes da situação de opressão das camadas inferiores, sob o domínio dos coronéis, arvoravam-se em defensores dos injustiçados. Por isso lutavam contra a exploração do homem pelo homem, depredavam e roubavam, chegavam a assassinar, porém por uma justa causa, a fim de dar algo aos necessitados e de procurar abalar uma estrutura social, econômica e política abominável e desnacionalizante. Com a formação desta imagem, opera-se a transformação do cangaço em mito.

Toda a documentação até hoje conhecida demonstra que os cangaceiros foram realmente cruéis e sangüinários, tanto com os ricos quanto com os pobres. A distribuição de bens entre os pobres, que aliás se fazia muito raramente, orientava-se por uma perspectiva que nada tinha de igualitária. Não eram divididos com os necessitados os produtos dos assaltos, muito pelo contrário; os grandes cangaceiros, como Antônio Silvino e Lampião, dividiam entre os chefes de seu bando as "notas grandes", davam aos seus cabras o que lhes haviam prometido e em seguida literalmente atiravam aos pobres, que por acaso estivessem por perto, notas miúdas e moedas. Não havia, assim, uma partilha que denotasse algum ideal de igualdade de bens, mas uma concepção paternalista e menosprezadora de superiores (os cangaceiros) para com os inferiores (os necessitados). Aliás, aqui também a imagem modelo era a dos coronéis, muitos dos quais se orgulhavam de serem os protetores dos pobres. Não se pode esquecer, porém, que em nenhum dos dois casos (dos coronéis, dos cangaceiros), tratava-se de pobres em geral a serem protegidos, mas sim dos *seus* pobres, dos pobres que os auxiliavam e os apoiavam. Os pobres que apoiavam seus rivais (no caso dos coronéis), ou apoiavam coronéis inimigos e a polícia (no caso dos cangaceiros), eram cruelmente martirizados quando apanhados.

Estas constatações dizem respeito à realidade concreta do cangaço, tal qual se verifica nos documentos existentes. Ela transparece também na literatura de cordel, vendida nas feiras do Nordeste, onde os cangaceiros são

sempre reprovados e julgados dignos do inferno. A maioria das composições em verso relata suas façanhas sangüinárias, e os apresenta como bandidos. Nota-se, porém, que enquanto Lampião é constantemente julgado dessa forma, há uma tendência para diferenciá-lo de Antônio Silvino, o cangaceiro bondoso. Apesar de se reconhecer certa gentileza em Antônio Silvino, sua posição de cangaceiro não é enaltecida; assim é que, depois de morto, contam os cantadores, ele não foi aceito no céu... Num folheto citado por Nertan Macedo, publicado, ao que parece, em 1953, narrava-se também como Lampião, ao descer ao inferno, vencera Satanás e se transformara no rei das profundezas. Seus generais eram Hitler e Mussolini, os latifundiários eram seus representantes na terra, encarregados de arrancar dos pobres "o resto do ouro" que porventura ainda conservassem. Nesta perspectiva, a condenação de Lampião chega ao ponto de considerá-lo responsável pela estrutura econômico-política do Ocidente, a que se devia o flágelo do capitalismo, do nazismo, do fascismo, e também as hecatombes e crueldades da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto a literatura de cordel parece expressar constantemente a crítica da população sertaneja com relação ao cangaço, nas cidades do sul do País uma outra interpretação o encarou como verdadeiro símbolo da nacionalidade. Foi primeiramente o jornalista pernambucano Assis Chateaubriand, proprietário dos Diários Associados, que, de maneira um tanto jocosa, instituiu a "Ordem do Cangaço", destinada a premiar brasileiros que tivessem dado provas, em feitos, de seu amor à pátria e estrangeiros que demonstrassem seu devotamento ao Brasil. Este início da apropriação do cangaço pelo nacionalismo urbano ocorreu na década de 50. É interessante notar a utilização dos cangaceiros para uma afirmação da identidade nacional, no momento em que se intensificava no País, o processo de industrialização do Sul, caracterizado por uma invasão inusitada de capitais estrangeiros e de multinacionais. A iniciativa pitoresca de Assis Chateaubriand — que não teve continuidade — correspondia, aparentemente, a uma espécie de sobressalto compensatório do patriotismo nativo diante da subordinação paulatina da economia do País aos meios técnicos e aos capitais financeiros vindos do estrangeiro. Sobressalto compensatório ao nível do imaginário, enquanto ao nível econômico e prático se operava o avanço do capital... É também nessa década de 50 que se dissemina nas artes a utilização do tema do cangaço — na pintura, na gravura, na literatura, no cinema, no teatro — numa perspectiva em que ora se mesclam, ora se separam os temas dominantes do herói humano e justiceiro e do nacionalismo.

Dir-se-ia que, sob a mitologia dos bandidos-heróis, operava-se uma tomada de consciência dos problemas mais cruciais da atualidade brasileira, efetuada pelas elites intelectuais e artísticas e se inscrevendo nas diversas obras. Data também desse período o interesse pelo estudo do cangaço por historiadores, antropólogos, sociólogos, cujas interpretações também se orientaram em uma ou ambas as direções.

A compreensão do cangaço se alargava para além dos limites de sua existência efetiva, invadindo as paragens do imaginário e se enriquecendo

com significados múltiplos, que não pertenciam nem à sua origem, nem à sua vigência real. Toda esta afabulação em torno do cangaço fora norteada, principalmente, por dois parâmetros: a oposição de certos intelectuais contra as camadas dominantes e sua representação, o governo; um sentimento nacionalista generalizado, que as condições econômicas reforçavam. Mesmo Lampião, que na literatura de cordel era sempre encarado como bandido, cuja ação era norteada pelo seu próprio interesse, ambicioso e truculento, adquiriu os lineamentos do herói social justiceiro, de um Robin Hood.

A ênfase, porém, não é na figura do justiceiro, mas na idéia de nacionalismo. Assim, tanto a imagem do cangaceiro quanto seus sinais característicos — o chapéu cheio de estrelas, as cartucheiras enfeitadas de bordados e penduricalhos, recheados de balas, as alpercatas rangentes — passaram a simbolizar "nacionalismo". A "brasilidade" do cangaceiro adquiriu maior significado numa época em que a imigração estrangeira, ao Sul do Brasil, se intensificava. Contra a "invasão" do estrangeiro erguia-se a figura do cangaceiro, "guardião" dos valores nacionais.

A mitificação do cangaço não pode ser compreendida fora do contexto brasileiro, por um lado e do contexto do Sul do País por outro — do Sul do País que recebeu levas e levas de imigrantes estrangeiros até os anos 30 e que, em seguida, passou a atrair migrações nordestinas cada vez mais intensas. Os problemas do Sul, porém, não podem ser desvinculados do país, como um todo. Assim, os problemas que concorrem para a mitificação do cangaço não são regionais, são nacionais.

Uma outra diferença divide o Brasil em duas grandes metades: o desenvolvimento econômico. À riqueza do Sul se opõe a pobreza do Nordeste e do Norte. Desta forma, a brasilidade real se exprimiria na ruralidade e na pobreza, enquanto riqueza e urbanização, sediadas no Sul, aliar-se-iam à presença estrangeira, ao capital internacional. O que equivale dizer que tudo quanto é profundamente nacional está aliado à pobreza e à simplicidade do Norte; e o Sul, rico, é cosmopolita, inautêntico e complexo. Valorizar a figura do cangaceiro constitui, então, uma compensação ideológica para nordestinos e nortistas. O Sul é rico e próspero, porém está adulterado pela invasão estrangeira, é escravo dos capitais internacionais. Os hábitos dos sulistas não são mais tradicionais e por isso reinam entre eles a imoralidade e a dissolução dos costumes.

Como se vê, a transformação da figura do cangaceiro em símbolo nacional — interpretação hoje largamente difundida no País — repousa sobre uma compreensão emotiva de problemas fundamentais na sociedade brasileira de nosso tempo. Representa a dialética persistente entre nacionais e estrangeiros, entre pobreza e riqueza, entre o Norte e o Sul do País. O cangaceiro não desencadeou uma tomada de consciência dos problemas; pelo contrário, deu margem a uma apreciação subjetiva deles.

A tomada de consciência implica um conhecimento claro e explícito, uma apreensão objetiva e racional de acontecimentos e de problemas, que respeita os limites de sua vigência real. O conhecimento veiculado pelo mito do cangaço, no entanto, ultrapassa toda a documentação de que se pode dis-

por, justamente porque se trata de conhecimento apreendido de maneira simbólica. Por meio de simbolos, chega-se a um conhecimento intuitivo, afetivo (que não recorre ao raciocinio, portanto) e não-metódico, de acontecimentos e de problemas.

A aceitação do cangaceiro como um simbolo afastou-o, portanto, da existência que efetivamente foi a sua no tempo e no espaço, registrada na documentação e nos depoimentos existentes. Porém, o que se chama de "verdade histórica" nunca interessou à formação de simbolos. O que interessa a esta formação é salientar as características que lhe sejam úteis para reforçar a solidariedade interna das coletividades e para distinguir uma das outras as sociedades globais e, internamente, os grupos que as compõem. Os simbolos são, antes de mais nada, brumosos e ambiguos. São estas condições, porém, que lhe permitem captar e expressar os rumos essenciais e profundos do sentir coletivo.

Dessa forma, no Pais, encarnou o cangaceiro o povo nacional em oposição ao imigrante estrangeiro; encarnou as camadas inferiores nortistas, autenticamente nacionais, simplesmente, sofredoras, em relação às camadas abastadas, especialmente do Sul do Pais, cosmopolitas e em plena expansão econômica. Dentro destas perspectivas, o simbolo acrescentou ao real traços positivos (o cangaceiro cavaleiro andante, defensor dos injustiçados, generoso protetor dos fracos e dos pobres), sem que se perdessem todavia os traços que realmente apresentara, negativos, como os de crueldade, ferocidade, perversão. Todos estes traços contraditórios coexistem e os negativos se justificam na própria perspectiva do mito: o cangaceiro era cruel, feroz, perverso, porque a sociedade em que vivia era profundamente injusta.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia sobre o cangaço independente começa a se avolumar atualmente no Brasil; indicamos aqui somente as obras que diretamente serviram para compor este texto, referentes tanto ao cangaço quanto à vida no Nordeste, sendo que os autores de algumas delas estão citados no decorrer da narrativa.

- ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de — *Um sertanejo e o sertão* — Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed. 1957.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de — *Moxotó brabo* —. Rio de Janeiro, Ed. Livros Organização Simões. 1960.
- BAPTISTA, Pedro — *Cangaceiros do nordeste* — Paraíba do Norte, Livr. São Paulo, 1929.
- BARROSO, Gustavo — *Heróes e bandidos* — Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1917.
- BASTIDE, Roger — *Brasil, terra de contrastes* — S. Paulo. Difusão Européia do Livro, 1959.
- CARVALHO, Rodrigues de — *Serrote preto* — Rio de Janeiro, Soc. Editora e Gráfica Ltda., 1961.
- CORRÊA DE ANDRADE, Manuel — *A terra e o homem no nordeste* — S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1963.
- GUEIROS, Optato — *Lampião* — Salvador, Livraria Progresso Ed., 4.ª ed. 1956.
- LIMA, Estácio de — *O mundo estranho dos cangaceiros* — Salvador, Ed. Itapoã, 1965.

LUNA. Luiz — *Lampião e seus cabras* — Rio de Janeiro. Ed. Leitura S.A. 1963.

MACEDO. Nertan — *Capitão Virgulino Ferreira Lampião.* — Rio de Janeiro. Ed. Leitura S.A. s.d.

MELLO. Frederico Pernambucano de — Aspeclos de Banditismo Rural Nordestino — Recife. *Ciência e trópico* — Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. vol. 2, nº 1, janeiro/junho 1974.

MONTENEGRO. Abelardo — *História do Cangaceirismo no Ceará* — Fortaleza. 1965.

MOTTA. Leonardo — *No tempo de Lampião* — Rio de Janeiro, Oficina Industriaï Gráfica, 1930.

MOTTA. Leonardo — *Cantadores* — Fortaleza. Imprensa Univ. do Ceará, 3º ed. 1961.

NOBREGA, Pe. Pereira — *Vingança, não!* — Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos. 1960.

PARREIRA, Abelardo — *Sertanejos e cangaceiros* — S. Paulo, Editorial Paulista, 1934.

PEREIRA DE QUEIROZ. Maria Isaura —"Notas sociológicas sobre o cangaço", S. Paulo. *Ciência e cultura*, vol. 27, nº 5, maio de 1975.

PEREIRA DE QUEIROZ. Maria Isaura — *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios* — S. Paulo, Ed. Alfa-Ômega, 1976.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — *Os cangaceiros* — S. Paulo, Ed. Duas Cidades. 1977

PRADO JR., Caio — *História econômica do Brasil* — S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1945.

PRATA, Ranulpho — *Lampião* — S. Paulo, Ed. Piratininga, 2º ed. 1930.

TÁVORA, Franklin — *O Cabeleira* — Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1876.

VILLAÇA. Marcos Vinicius e ALBUQUERQUER, Roberto C.. — *Coronel, Coronéis* — Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro Ltda, 1965.

VOCÊ ENTENDEU O TEXTO?

1 Através da leitura do texto, compreendemos que existiam dois tipos de Cangaço no "Polígono da Seca": o Cangaço Subordinado e o Cangaço Independente. Você poderia definir as características destes bandos?

2 Qual é a ligação entre catástrofes naturais e o aparecimento dos bandos de cangaceiros?

3 Que são "retirantes"?

4 Alguns autores caracterizam o Nordeste seco como a "Civilização do Couro". Por que esta denominação?

5 Polícia e Cangaceiros utilizavam a mesma violência destruidora e foram produtos da mesma estrutura sócio-econômica existente no Sertão. Qual era esta estrutura?

6 As condições sócio-econômicas do Sertão mudaram desde os tempos de Antônio Silvino a Lampião. Quais foram estas modificações?

7 Como estava organizado o bando de Lampião?

8 Quais fatores explicariam o aparecimento dos bandos de cangaceiros independentes, assim como sua permanência nos primeiros 40 anos do século XX?

9 Como era distribuído o produto dos assaltos entre os cangaceiros?

10 Quais fatores, estruturais e conjunturais, explicariam o desaparecimento do Cangaço Independente?

11 Como e por que se deu a transformação da figura do Cangaceiro em símbolo nacional?

CRONOLOGIA

1865	Termina a Guerra de Secessão dos Estados Unidos. A reorganização de sua produção de algodão produz crise no Nordeste. Começa a modernização da produção de açúcar nordestina. Pequenos produtores sem capital fecham seus engenhos, produzindo desemprego no setor.
1866	Amazonas aberto à navegação internacional.
1870	Deslocamento de trabalhadores nordestinos para a Amazônia, em busca do novo "El Dorado" da borracha.
1877	Bandos de retirantes, empurrados pela seca, invadem e saqueiam povoados — João Calangro organiza seu bando de cangaceiros.
1879	Mudam as condições climáticas. O bando de João Calangro dispersa-se.
1887	Primeira linha férrea no Espírito Santo.
1888	Lei Áurea
1889	Proclamação da República Milagre em Juazeiro: começa a ascensão política do Padre Cicero.
1896	Manoel Baptista de Moraes (Antônio Silvino) entra no bando de Luiz Mansidão. Com a morte deste cangaceiro se tornaria chefe do bando. Inaugura-se com Antônio Silvino a fase das lutas diretas contra a policia e as autoridades.

1897	Destruição de Canudos
1900	Antônio Silvino afirma-se como chefe de um "cangaço independente". Nascimento de Virgulino Ferreira da Silva, futuro Lampião.
1906	As ações de Antônio Silvino voltam-se cada vez mais contra as autoridades locais.
1910	Antônio Silvino casa-se com Juventina Maria da Conceição (Tita).
1912	O governo recusa-se a anistiar Antônio Silvino que tentava estabelecer-se como criador de gado.
1914	O Padre Cicero torna-se vice-presidente do Estado do Ceará. Começa a Primeira Grande Guerra; melhora a crise do açúcar e do algodão.
1917	Virgulino, após o assassinato de seu pai, entra para o bando de Sinhô Pereira, o qual lhe dá o nome de Lampião.
1918	Antônio Silvino capturado, e condenado à prisão perpétua. (Getúlio Vargas o anistiaria mais tarde.)
1919	Epitácio Pessoa concede importantes auxílios federais para a execução de grandes obras públicas no Nordeste seco.
1921	Criação do primeiro banco no sertão nordestino.
1926	Corisco — o Diabo Louro — integra-se ao bando de Lampião. Lampião e seu bando entram em Juazeiro para auxiliar nos combates à Coluna Prestes.
1928	Ferido e desanimado, Lampião abandona Pernambuco refugiando-se no Norte da Bahia. Corisco rapta sua companheira, Dadá.
1929	Neste período de calmaria, Lampião encontra-se com Maria Bonita.
1930	Lampião retoma sua atividade no Sertão.

1932	O bando de Lampião cinde-se em três grupos, comandados por Lampião, seu cunhado Virgínio e Corisco.
1934	Morte do Padre Cícero.
1936	Lampião permanece em Angico (Sergipe), enquanto seus lugares-tenentes continuam suas façanhas.
1937	O Diabo Louro afasta-se do bando de Lampião.
1938	Sucumbem numa emboscada: Lampião, Maria Bonita e alguns cangaceiros.
1940	Morte de Corisco. Fim do Cangaço Independente.

Canudos: A Luta pela Terra – Edmundo Moniz

Entradas e Bandeiras – Luiza Volpato

Paraguai: Nossa Guera Contra esse Soldado – León Pomer

Escravidão no Brasil – Enrique Peregalli

A República Velha – Leonardo Trevisan

1910: A Revolta dos Marinheiros – Mário Maestri Filho

O Período Regencial – Augustin Wernet

Getúlio Vargas e sua Época – Antonio A. C. Faria e E. Barros

Como o Brasil Ficou Assim? – Enrique Peregalli

A Abolição – Emília Viotti da Costa

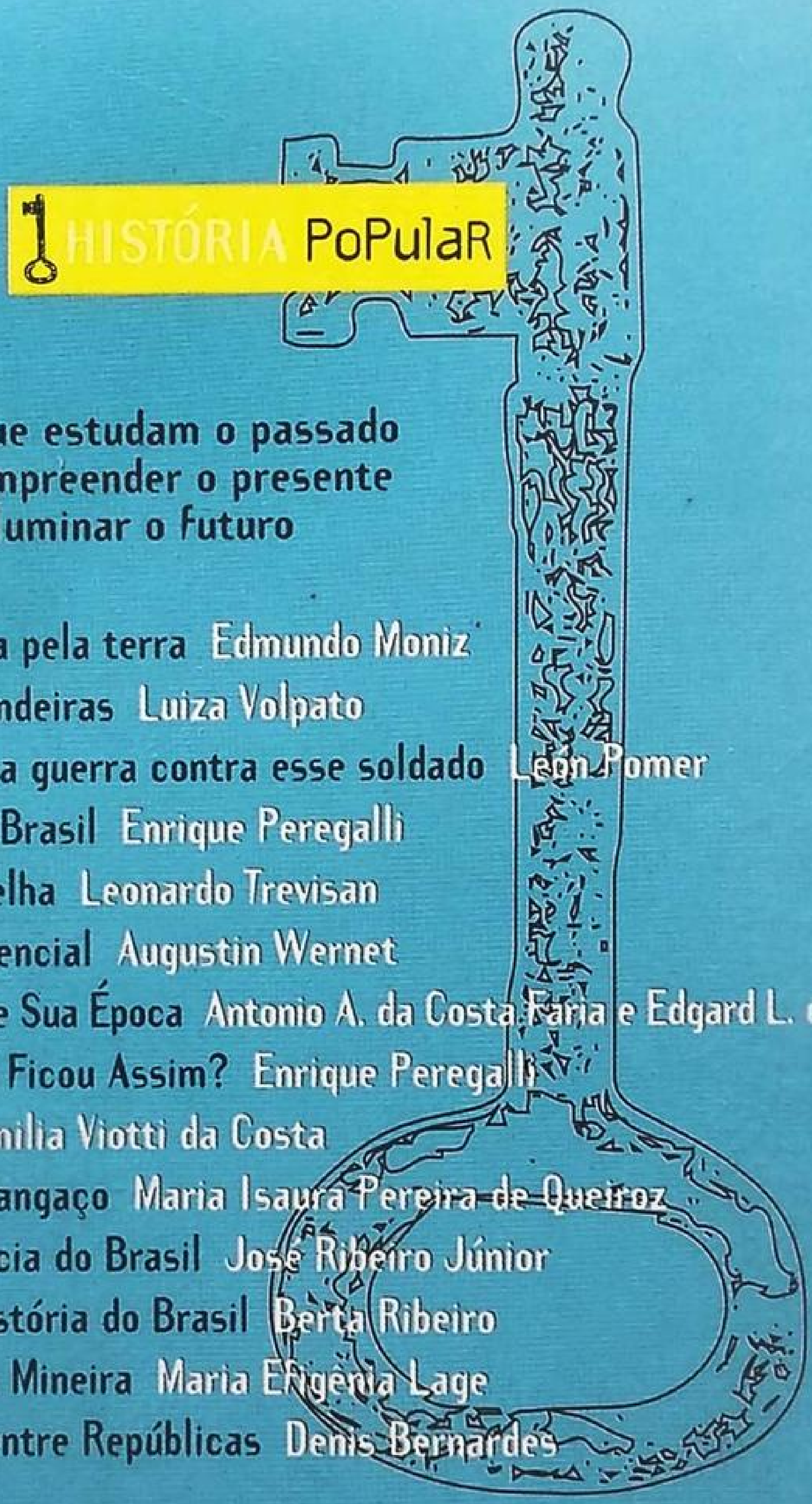
História do Cangaço – Maria Isaura Pereira Queiroz

Independência do Brasil – José Ribeiro Júnior

O Índio na História do Brasil – Berta Ribeiro

Inconfidência Mineira – Maria Efigênia Lage

Um Império entre Repúblicas – Denis Bernardes



Livros que estudam o passado para compreender o presente e iluminar o futuro

1 Canudos: a luta pela terra Edmundo Moniz
2 Entradas e Bandeiras Luiza Volpato
3 Paraguai: nossa guerra contra esse soldado León Pomer
4 Escravidão no Brasil Enrique Peregalli
5 A República Velha Leonardo Trevisan
6 O Período Regencial Augustin Wernet
7 Getúlio Vargas e Sua Época Antonio A. da Costa Faria e Edgard L. de Barros
8 Como o Brasil Ficou Assim? Enrique Peregalli
9 A Abolição Emilia Viotti da Costa
10 História do Cangaço Maria Isaura Pereira de Queiroz
11 A Independência do Brasil José Ribeiro Júnior
12 O Índio na História do Brasil Berta Ribeiro
13 Inconfidência Mineira Maria Efigênia Lage
14 Um Império entre Repúblicas Denis Bernardes

Nossa autora estuda o Cangaço fugindo de qualquer visão esquemática e monta um texto vivo e brilhante, no qual o pano de fundo é o Nordeste e a principal personagem é o povo.

global EDITORA

ISBN 85-260-0066-7

9 788526 000667

Capa sobre *Lampião. Os Cangaceiros, Les bandits d'honneur brésilien.* Fotos cedidas pela autora.